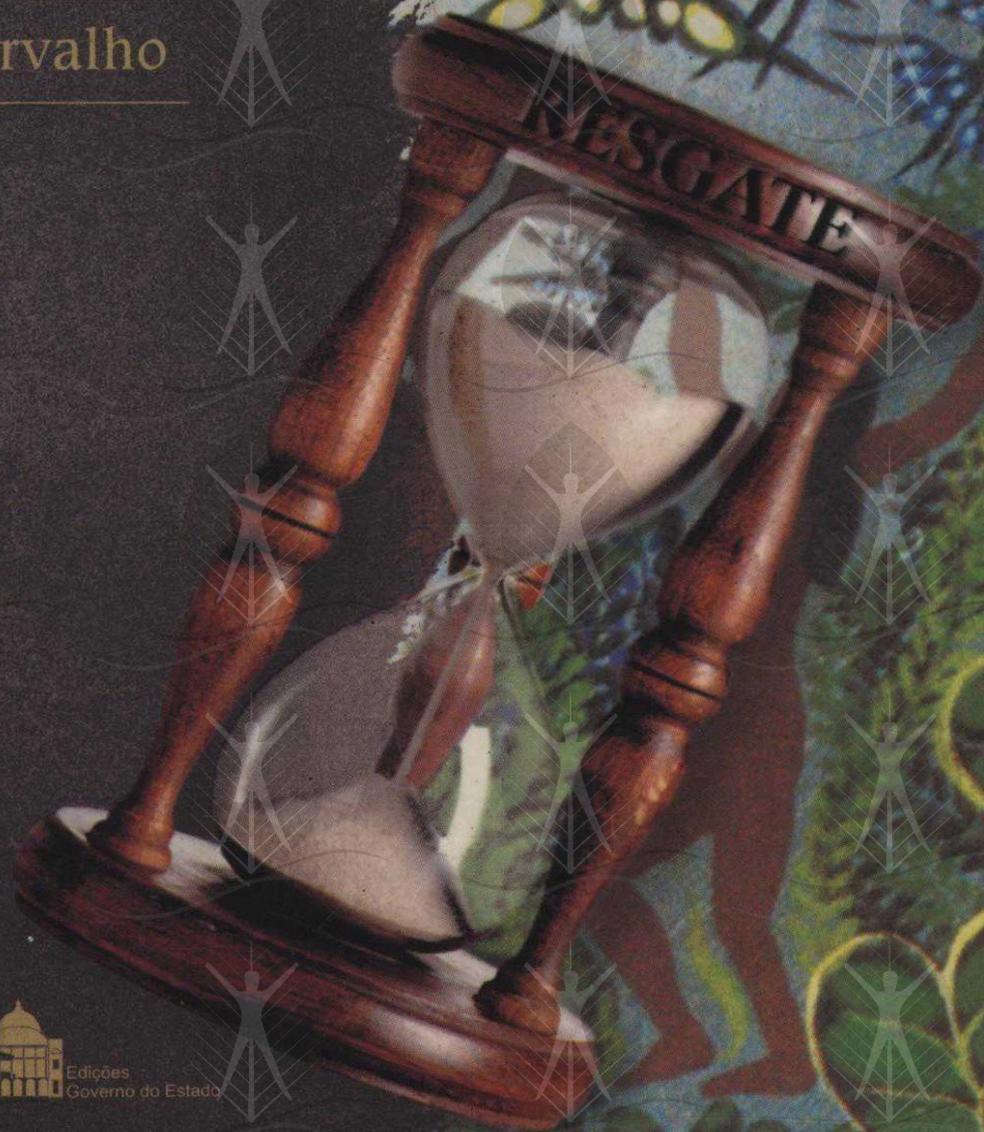


*colecção*  
**Resgate**

# Pássaro de Cinza

Farias de Carvalho



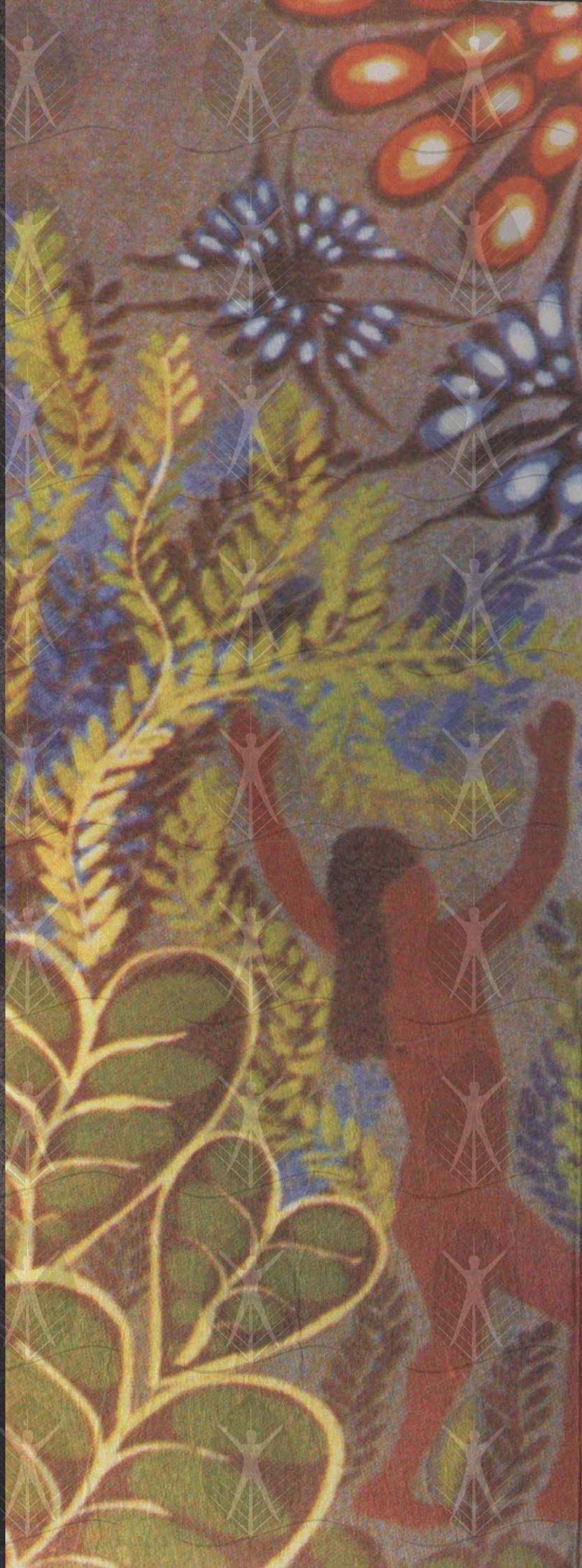
**Valer**  
EDITORA



Edições  
Governo do Estado

A produção poética de Farias de Carvalho está resumida basicamente em dois livros. Trata-se de *Pássaro de Cinza*, sua obra de estreia, publicada em 1957, e *Cartilha do Bem Sofrer com Lições de Bem Amar*, de 1965. *Pássaro de Cinza*, obra maturada ainda sob os influxos iniciais do Movimento Madrugada, na sua fase mais intensa e radical, é um dos livros mais sensíveis e humanos da moderna poesia amazonense. Seu discurso poético é todo plasmado numa forte e intensa densidade subjetiva. A obra vincula-se à vertente dissonante neo-simbolista, recorrente na produção poética do Modernismo brasileiro e amazonense.

O discurso poético de Farias de Carvalho é um esforço, uma tentativa de diálogo com a memória, um mergulho no leito obscuro do tempo, de onde recolhe os fragmentos de lembranças, os cacos do passado, reminiscências de sua infância, materiais que compõem o tecido de seus versos. No soneto que abre *Pássaro de Cinza*, "Prólogo", o poeta já deixa evidente sua opção pela matéria inerte dos mortos ocultos: *Desses mortos ocultos esquecidos / chega-me agora o pássaro de cinza, / de ontem são suas asas, de silêncio / o seu bico pousado sobre a ponte.*



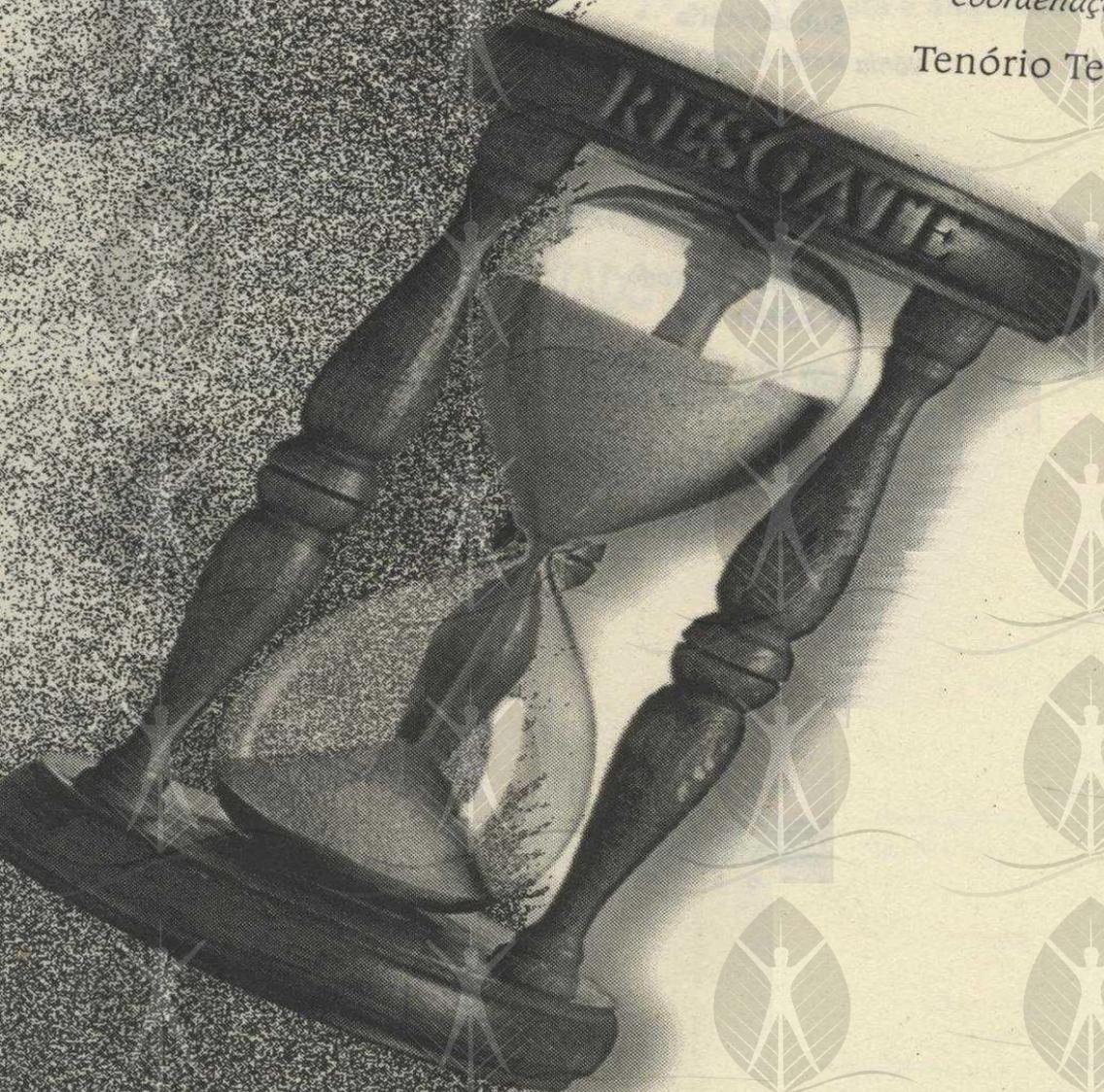




Pássaro de cinza

Coleção Resgate II

Coordenação  
Tenório Telles



GOVERNO DO



AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas  
*Amazonino Armando Mendes*

Vice-Governador  
*Samuel Assayag Hanan*

 **AMAZONAS**  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Secretário de Estado da Cultura e Turismo  
*Robério dos Santos Pereira Braga*

Subsecretária  
*Vânia Maria Cyrino Barbosa*

Coordenador de Edições  
*Antônio Auzier Ramos*

Co-edição  
Governo do Estado  
Editora Valer

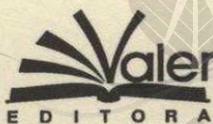
Farias de Carvalho

# Pássaro de cinza

*Organização e estudo crítico*

Tenório Telles

2.<sup>a</sup> edição revista e ampliada

**Valer**  
EDITORA



Edições  
Governo do Estado

Copyright © Editora Valer, 2000

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

Marcicley Rego

(Capa – composição com detalhe da obra  
*A libertação da noite*, de Moacir Andrade)

DIAGRAMAÇÃO

Epifânio Leão

REVISÃO

Alcides Werk

Marcos Sena

Rosilene de Deus

Sergio Luiz Pereira

PESQUISA

Regina Páscoa

NORMALIZAÇÃO

Ycaro Verçosa

---

C331p Carvalho, Farias de.

Pássaro de cinza. / Farias de Carvalho. Organização e estudo crítico  
por Tenório Telles. 2.ª ed. revista e ampliada – Manaus: Editora Valer /  
Governo do Estado do Amazonas, 2000.

112p.

ISBN 85-86512-58-3

1. Literatura amazonense – poesia I. Carvalho, Farias de. II. Título.

CDU 82-1(811.3)

---

2000

Editora Valer

Rua Ramos Ferreira, 1195

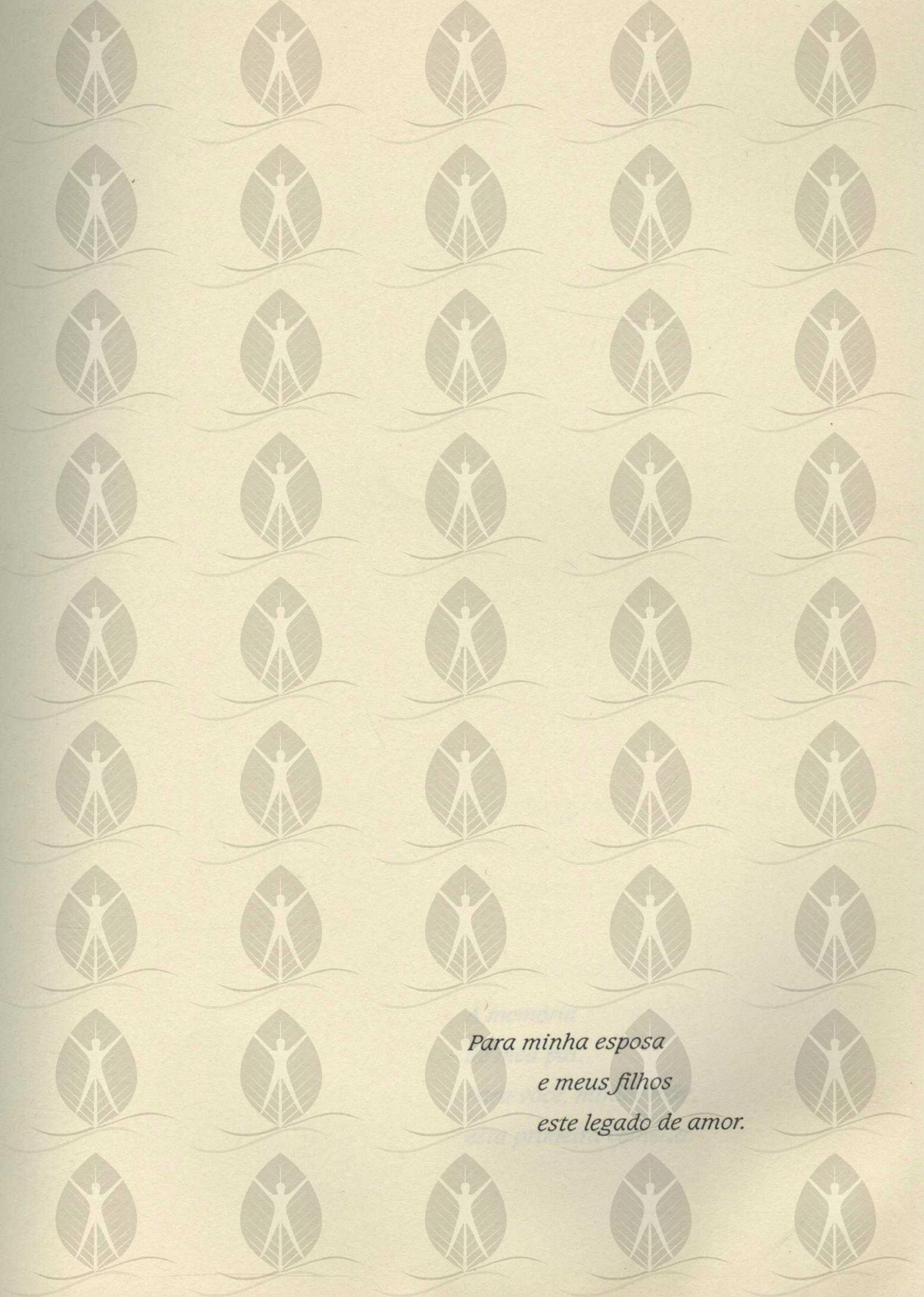
69010-120, Manaus-AM

Fone: (0xx92) 633-6565



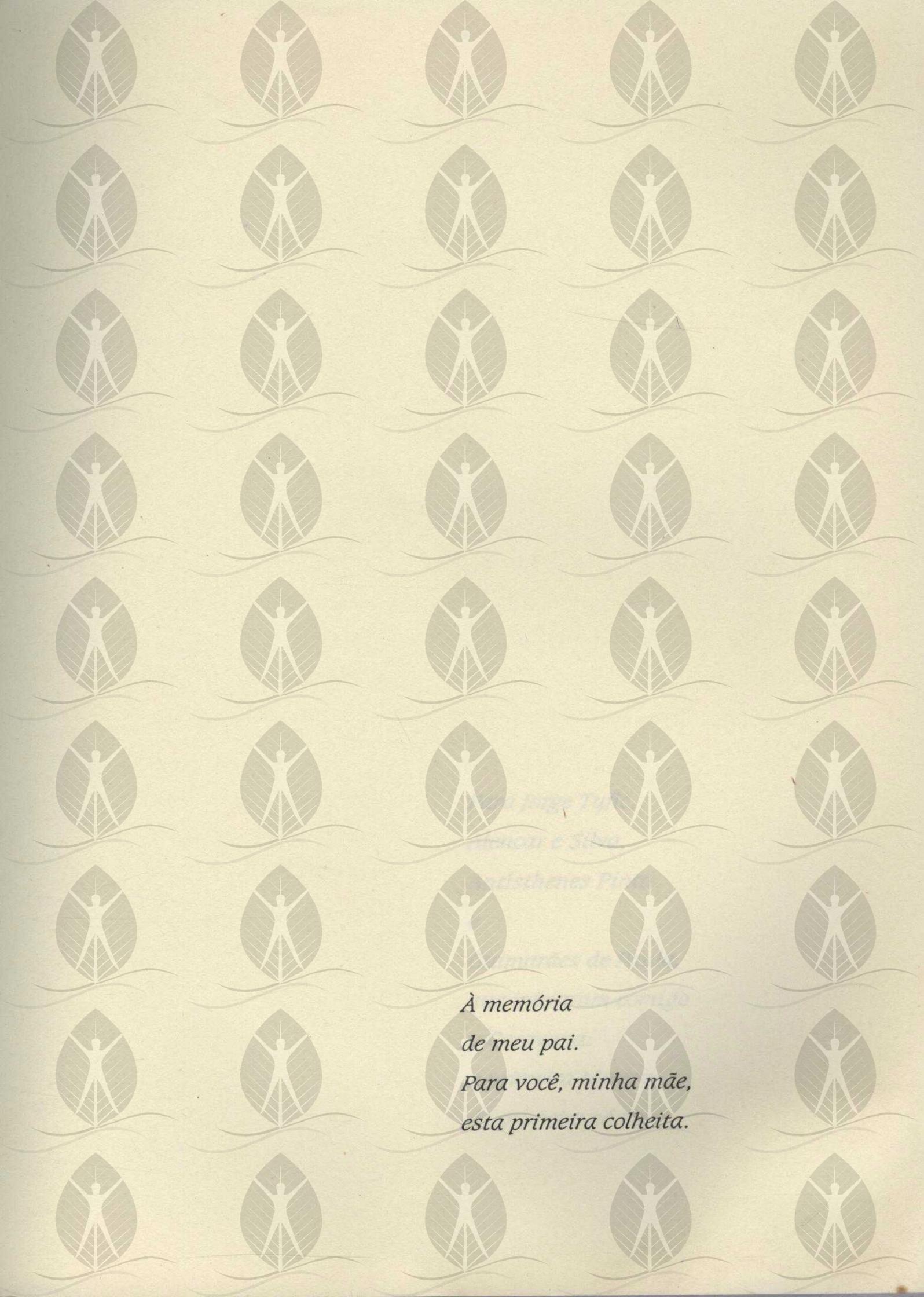
*Ao Dr. João Veiga, com a gratidão e  
a homenagem do Autor.*





*Para minha esposa  
e meus filhos  
este legado de amor.*





*À memória  
de meu pai.  
Para você, minha mãe,  
esta primeira colheita.*





*Para Jorge Tufic,  
Alencar e Silva,  
Antístenes Pinto  
e  
Guimarães de Paula,  
que iniciaram comigo  
a Caravana:  
a primeira tâmara  
do primeiro oásis.*



Ao

*CLUBE DA MADRUGADA*

*Aos que sofrem,  
e, ainda assim,  
amam...*



# Sumário

POESIA E COMPROMISSO COM A LIBERDADE – Tenório Telles . . . . .	17
PÁSSARO DE CINZA . . . . .	29
PRÓLOGO . . . . .	31
<b>BAÚ VELHO . . . . .</b>	<b>33</b>
Baú velho . . . . .	35
Soneto Primeiro da Infância . . . . .	40
Soneto Segundo da Infância – O POSTE . . . . .	41
Soneto Terceiro da Infância – GUARDA CASCAVEL . . . . .	42
Soneto Quarto da Infância – PADRE AGOSTINHO . . . . .	43
Soneto Quinto da Infância – O VASCO DO GUARANY . . . . .	44
Soneto Sexto da Infância – A PRIMEIRA NAMORADA . . . . .	45
Soneto Sétimo da Infância – O MANÉ SACRISTÃO . . . . .	46
Canção, quase, para meu menino . . . . .	47
<b>POEMAS DO POVO . . . . .</b>	<b>51</b>
Elegia que a tarde ditou . . . . .	53
Ciclos da Poesia . . . . .	54
Meu cavalo chegou . . . . .	58
Soneto . . . . .	59
Estou vindo de longe . . . . .	60
Nestas horas vazias, carcomidas . . . . .	61
Pesadelo . . . . .	62
A moda do poeta . . . . .	63
Acorrentado de silêncios velhos . . . . .	64
Soneto . . . . .	65

A Nova República . . . . .	66
Meu outro mundo . . . . .	67
Canto Negro . . . . .	68
Mensagem do amanhã . . . . .	69
O Poema . . . . .	70
Minha palavra lanço-a quando é hora . . . . .	71
Soneto . . . . .	72
Grande Evocação . . . . .	73
O Maior Poema . . . . .	75
O Poeta . . . . .	77
Equívoco . . . . .	78
Poema . . . . .	79
Menina do meu silêncio . . . . .	81
Inefável! . . . . .	82
Poema . . . . .	83
Epitáfio . . . . .	84
<b>POEMAS DEDICADOS . . . . .</b>	<b>85</b>
Tentativa de poema para ti, Bandeira . . . . .	87
Através do silêncio . . . . .	89
Soneto para Pablo Neruda . . . . .	92
Soneto para Carlos Drummond de Andrade . . . . .	93
Soneto para Nicolás Guillén . . . . .	94
Carta ao poeta Jorge Tufic . . . . .	95
Sonetos ao poeta Sebastião Norões . . . . .	99
Carta ao poeta Paulo Monteiro de Lima . . . . .	101
Poema à menina do canteiro . . . . .	104

# Poesia e compromisso com a liberdade

Tenório Telles\*

## I

A produção poética de Farias de Carvalho está resumida basicamente em dois livros. Trata-se de *Pássaro de cinza*, sua obra de estréia, publicada em 1957, e *Cartilha do bem sofrer com lições de bem amar*, de 1965. *Pássaro de cinza*, obra maturada ainda sob os influxos iniciais do Movimento Madrugada, na sua fase mais intensa e radical, é um dos livros mais sensíveis e humanos da moderna poesia amazonense. Seu discurso poético é todo plasmado numa forte e intensa densidade subjetiva. A obra vincula-se à vertente dissonante neo-simbolista, recorrente na produção poética do Modernismo brasileiro e amazonense.

O discurso poético de Farias de Carvalho é um esforço, uma tentativa de diálogo com a memória, um mergulho no leito obscuro do tempo, de onde recolhe os fragmentos de lembranças, os cacos do passado, reminiscências de sua infância, materiais que compõem o tecido de seus versos. No soneto que abre *Pássaro de cinza*, "Prólogo", o poeta já deixa evidente sua opção pela matéria inerme dos mortos ocasos.

\* Tenório Telles é professor de Literatura Brasileira, ensaísta e autor do CD-ROM *O Amazonas em sua Literatura* (1996) e da peça *A Derrota do Mito* (1997).

É desse tempo arruinado que chega o *Pássaro de cinza*, esse navegador do silêncio que tem o bico pousado sobre a ponte que liga o passado ao presente que se desenrola. Bica o peito, a alma do poeta onde as marés antigas depositaram destroços de mastros e fantasmas de velhos piratas, lembranças tatuadas nos olhos do tempo. O pássaro indiferente, pousado num fio tênue do vazio, esperava sua refeição de sonho. Não suspeitava o viajante dos ares que as mãos que davam a comida do sonho se foram, devoradas nesses mortos ocasos esquecidos... O poeta sabia que é inútil resistir ao tempo. Nada escapa da avidez de sua boca:

*Desses mortos ocasos esquecidos  
chega-me agora o pássaro de cinzas;  
de ontem são suas asas, de silêncio  
o seu bico pousado sobre a ponte*

*entre o vencido vale e o bosque a entrar,  
bica-me o peito onde marés antigas  
jogam restos de mastros e fantasmas  
desses velhos piratas que ficaram*

*tatuados na penumbra de olhos idos.  
(...)*

## II

*Pássaro de cinza* é uma obra cheia de nuances, com uma forte conotação existencial, revelação do ser do poeta em seu devir, sua agonia diante da inevitabilidade da vida. Sua maté-

ria é o tempo, as fraturas, os escombros de nossas existências estioladas, nossas reminiscências e lembranças, depositadas no leito silencioso do passado.

Farias de Carvalho é um pescador debruçado sobre a superfície silenciosa, desbotada do rio da memória. Seus poemas têm ressonâncias supranaturais, evidências da dimensão transcendente do ser humano. Mário Ypiranga Monteiro, estudioso da cultura e da literatura amazonense, na apresentação que fez para a primeira edição de *Pássaro de cinza*, evidencia esse caráter imaterial, agônico da poesia de Farias de Carvalho: *Na sua poesia convém assinalar períodos de fuga, de transfigurações, que se traduzem em termos de compromissada mensagem, e um espírito eminentemente humanista.*

Mesmo em *Cartilha do bem sofrer com lições de bem amar*, seu livro mais engajado e político, é possível evidenciar ressonâncias subjetivas. Farias de Carvalho o escreveu sob o influxo dos anos agitados no final da década de 60. Eram os anos de chumbo da ditadura militar, dos atos institucionais, da repressão a qualquer esforço de resistência ao silêncio institucionalizado. Os poetas também foram chamados ao combate pela liberdade, transformaram seus versos em fogo, em armas. Nesse período, por conta dessa injunção da política, dessa emergência histórica, surgiu no Brasil uma literatura engajada, de combate.

Farias de Carvalho, em *Cartilha do bem sofrer com lições de bem amar*, também empresta os seus poemas a essa causa. Constrói versos com forte conotação política e social. Paga um

preço por isso, seus versos perdem muito da vitalidade, da pujança, da intensidade subjetiva, presentes em *Pássaro de cinza*.

Sua poesia perde a fluidez, a musicalidade, torna-se arrastada, discursiva, quase prosaica. Os versos soam inautênticos, visto que o poeta é ambíguo, difuso em alguns textos, em que se fundem dissonâncias intimistas, subjetivas, com denúncias políticas, aclamação da liberdade, da luta. O texto "Adenda n.º 1 aos Estatutos do Homem", que denuncia influência de Thiago de Mello, é uma evidência da poesia engajada de Farias de Carvalho:

*Aqui,  
nesta praça de mundo,  
onde outrora enforcavam girassóis  
e os togados de ódio e convenções  
executam crianças e boêmios*

*e a fome,  
no mais alto escalão da hierarquia  
era dignitária nacional  
recebendo proventos e honrarias  
como madrinha das execuções;*

### III

O livro *Cartilha do bem sofrer com lições de bem amar* divide-se em quatro partes. A primeira parte, "Cantigas do povo", compõe-se de cantigas, com versos redondilhos (sete sílabas) e motivos populares. Falam da vida, do sofrer, dos dra-

mas e misérias, das injustiças e opressões a que o povo está sujeito. São textos perpassados por um tom discursivo, como se observa em “O engraxate”:

*Doze anos. Doze esquinas  
nas doze horas do dia,  
até que a noite vazia  
o engula em suas neblinas.  
Pelas ruas da cidade  
de caixa verde na mão,  
inaugura a mocidade  
ajoelhado no chão;*

Na segunda parte, “Os Cantores da Tarde”, o poeta inverte totalmente o leito de seu discurso poético, enfeixa um bloco de textos com fortes ressonâncias subjetivas, a evidenciar o ocaso da existência, das coisas, da vida. O próprio nome que o autor atribui a esse feixe de poemas, “Os Cantores da Tarde”, é bastante expressivo, revelador. São versos que falam do fim, do entardecer, do declinar das coisas, permeados por intensa melancolia.

Compõe-se a terceira parte de “Os Mistérios Dolorosos”. São poemas curtos com dolorosas indagações sobre o sentido da existência. São textos reveladores do ser angustiado e inquieto do poeta em sua busca de compreensão do próprio significado da vida, no afã de desvelar-lhe os sentidos. Observe-se a densidade poética do terceto “A Vida”:

*Mapa de enganos, claro acontecer  
de mortes sucessivas, teu mistério  
está no fato só do bem morrer.*

Já a quarta e última parte se compõe de textos com ressonâncias políticas, anseios de liberdade, angústia do poeta diante da opressão, do silêncio. O nome que o poeta atribui a esse bloco é bastante expressivo e revelador, "Antemanhã". O título é uma alusão ao tempo, às horas que antecedem a alvorada. Mas a noite resiste, as sombras ainda nos obscurecem os olhos.

#### IV

Farias de Carvalho enunciava que o novo tempo, novo amanhecer já se preludiava. É uma referência aos tempos sombrios, à opressão que se abatia sobre as consciências e a chegada do alvorecer, da liberdade que o poeta divisava no horizonte. O texto "Poema n.º 1 Depois da Milésima Noite" evidencia o prenunciar da aurora, da liberdade:

*Quando a noite avançar mais,  
quando a noite avançar mais,  
e as corujas tatuarem com seu canto  
as paredes do abismo;  
quando a noite avançar mais,  
e a treva duelar com olhos defuntos;*

*(...)*

*quando a noite avançar mais  
e os ponteiros pararem copulando*

*na fronteira das putas e dos boêmios  
então, eu soarei meu corno inglês,  
para atrair as corças derradeiras  
e do pasto noturno, elas virão  
para comer a aurora em minhas mãos.*

Se *Cartilha do bem sofrer com lições de bem amar* não revela todo o vigor, autenticidade e pujança da produção poética de Farias de Carvalho, tal não é o caso de *Pássaro de cinza*, uma das obras mais intensas, sinceras e enigmáticas. É a obra-prima de Farias de Carvalho. Nela se realiza todo o seu vigor e talento de poeta, um dos mais sensíveis e humanos de nossa literatura.

Em *Pássaro de cinza* Farias de Carvalho intenta o resgate de suas lembranças, do passado corroído, das reminiscências da infância, perdidas na memória do tempo. O livro se divide em três partes. A primeira, são as evocações, as lembranças da infância, da juventude, do passado do poeta.

A parte inicial se chama “Baú Velho” e o primeiro de seus poemas lhe é homônimo, o que é bastante significativo. O baú dá idéia de passado, campo silencioso onde se depositam as coisas já decorridas, ultrapassadas. A memória seria um repositório, um baú onde se armazenam as lembranças, as reminiscências. E foi lá exatamente que o eu do poeta encontrou o seu mapa de sonhos:

*No baú velho do inconsciente  
mexendo papéis antigos  
achei um mapa de sonhos.*

*Pedi emprestado ao tempo  
as minhas mãos de menino,  
sentei num chão de memórias  
cruzei as pernas cansadas  
abri a caixa de armar  
falei de novo com o tempo  
pedi as pedras esparsas  
juntei o quebra-cabeça  
bati o pó e a saudade  
e comecei a jogar.*

*Num balet de simetria  
as minhas mãos de menino  
foram reconstruindo  
em sonho, mapa e distância  
a geografia física da infância:  
(...)*

A segunda parte do livro é intitulada “Poemas do Povo”, compõe-se de textos com forte apelo crítico, tênue conotação política, plasmados por intensa densidade subjetiva. A matéria desses poemas não são lembranças, mas episódios diáfanos do cotidiano, muitos deles permeados por uma envolvente atmosfera de sensualidade.

De um modo geral são poemas que evidenciam os vínculos do poeta a seu tempo, a sua realidade. “Ciclos da poesia” sublinha o conteúdo crítico da lírica de Farias de Carvalho, seu compromisso com a liberdade, com a verdade:

*A cantiga do Poeta caminheiro  
entrou pelos porões do poeta estátua  
e acordou os cavalos do seu coche  
que saíram troteando alexandrinos.*

*O Poeta caminheiro olha as coisas da vida  
e canta a poesia pura que há nas coisas  
– pedra, poste, varanda, esterco fumegante,  
éguas em fim de tarde, baús cheios de infância,  
vigília – pasto de tempo e de memórias,  
rima pão com bigornas e martelos,  
suor com sangue e com revoluções.*

*(...)*

O poema “A moda do poeta” evidencia sua apreensão diante de um mundo destroçado pela guerra, escudado sob a face da hipocrisia e da mentira. O poeta, esse sonhador incorrigível, sofre a dor do tempo, a agonia de uma época velada pela morte:

*As mãos do mundo estão pingando sangue,  
sangue no bico da pomba da paz,  
sangue traindo a máscara dos homens  
e os fraques das reuniões convencionais:*

*(...)*

Em contraposição a esse mundo sufocante que o asfixia, esse mundo de fantasmas, de autômatos, superficial, ele imagina um outro, projeção da utopia, do sonho de liberdade do homem. Nesse mundo só os homens que têm coração e sensi-

bilidade entrarão. Já “A Nova República” continua atual, evocação do sonho libertário do homem:

*Vou começar a construir meu mundo.  
Este, que não suporto, me asfixia.  
Os olhos já se cansam de assistir  
a mecânica dança dos bonecos.  
(...)*

*Por isto eu quero um mundo. Hei de cercá-lo  
com a alta tensão de sensibilidade  
da Poesia inquilina do meu sangue.*

*Nele entrarão apenas os eleitos,  
os que apanham as estrelas como rosas  
e as dependuram, vivas, sobre o peito!*

Na última parte do livro, “Poemas Dedicados”, o autor presta seu tributo aos poetas de sua predileção. Dedicou poemas a Manuel Bandeira, Neruda, Drummond, entre outros.

## V

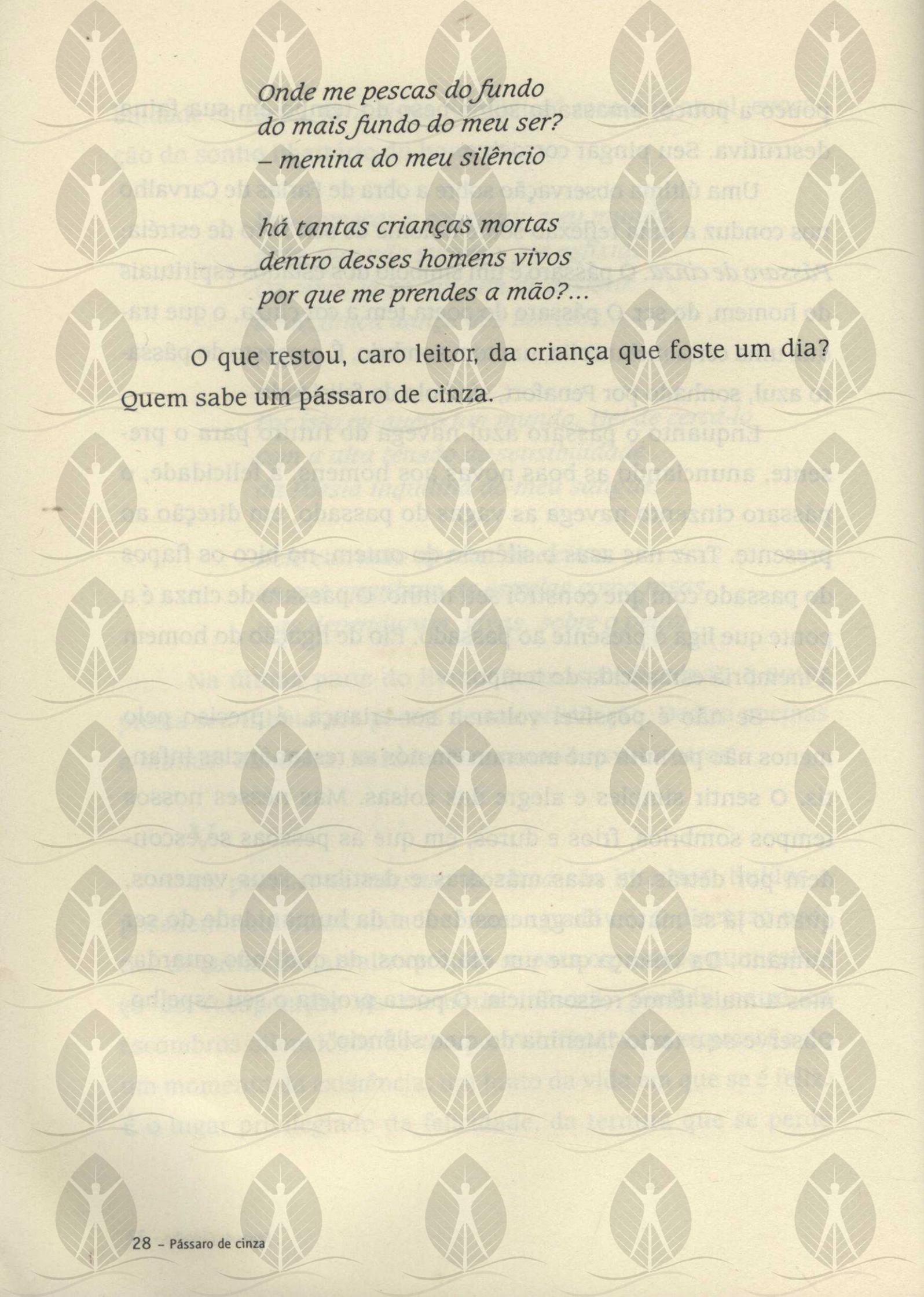
Os poemas de *Pássaro de cinza* são intensos, fluidos e possuem uma musicalidade tênue, agradável. O discurso poético de Farias de Carvalho projeta-se para o passado num esforço de recuperação da memória infantil, perdida entre os escombros silenciosos do tempo. A infância é a expressão de um momento da existência, um hiato da vida em que se é feliz. É o lugar privilegiado da felicidade, da ternura que se perde

pouco a pouco, amassada sob o peso do tempo em sua faina destrutiva. Seu pingar corrosivo.

Uma última observação sobre a obra de Farias de Carvalho nos conduz a uma reflexão sobre o nome de seu livro de estréia: *Pássaro de cinza*. O pássaro é um símbolo dos estados espirituais do homem, do ser. O pássaro do poeta tem a cor cinza, o que traduz uma certa melancolia, um tom sombrio. É o oposto do pássaro azul, sonhado por Penafort, símbolo da felicidade.

Enquanto o pássaro azul navega do futuro para o presente, anunciando as boas novas aos homens, a felicidade, o pássaro cinzento navega as vagas do passado, em direção ao presente. Traz nas asas o silêncio do ontem, no bico os fiapos do passado com que constrói seu ninho. O pássaro de cinza é a ponte que liga o presente ao passado. Elo de ligação do homem à memória esmaecida do tempo.

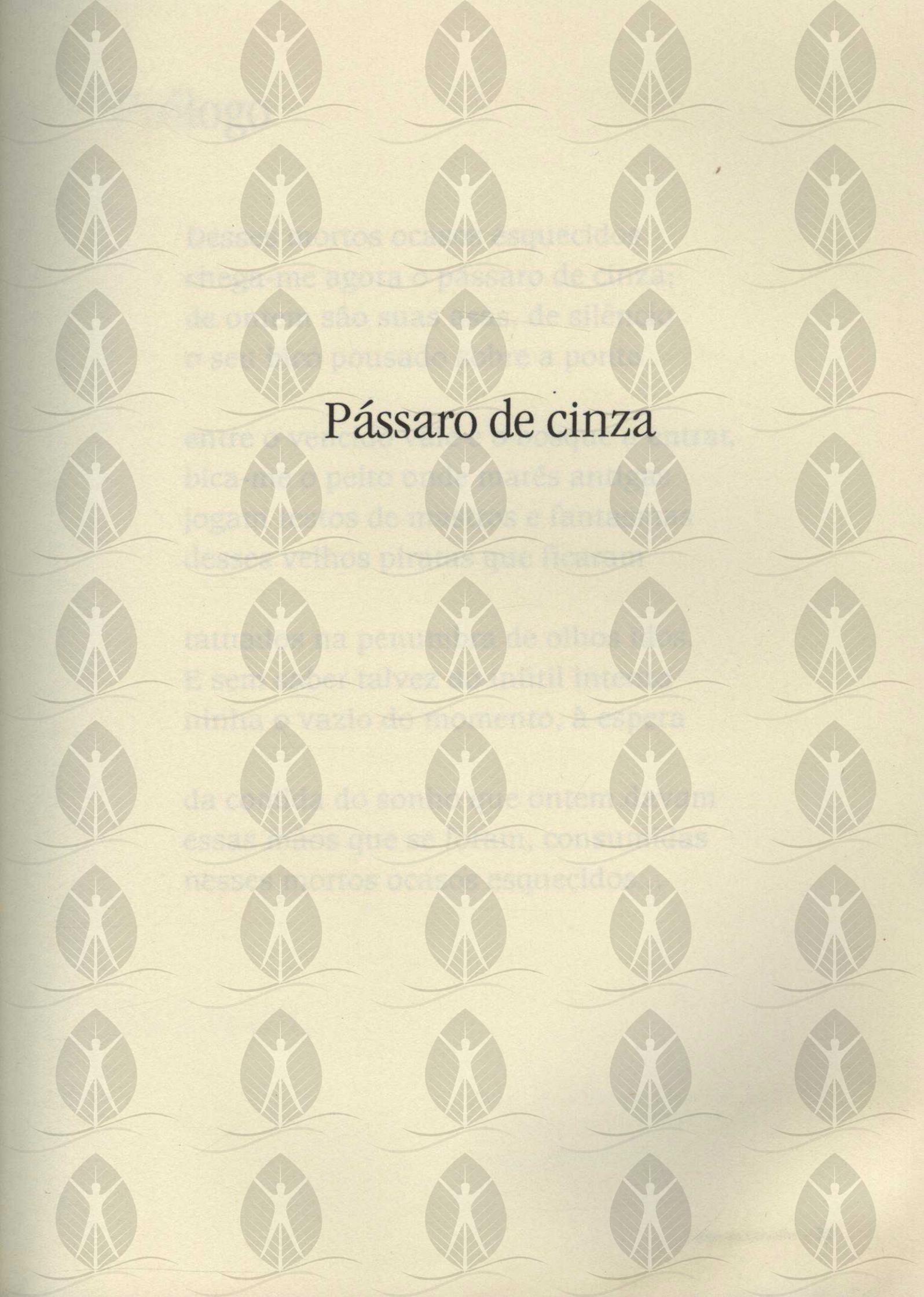
Se não é possível voltar a ser criança, é preciso pelo menos não permitir que morram em nós as ressonâncias infantis. O sentir simples e alegre das coisas. Mas nesses nossos tempos sombrios, frios e duros, em que as pessoas se escondem por detrás de suas máscaras e destilam seus venenos, quanto já se matou da generosidade e da humanidade do ser humano. Da criança que um dia fomos, da qual não guardamos a mais tênue ressonância. O poeta projeta o seu espelho. Observe-se o texto "Menina do meu silêncio":



*Onde me pescas do fundo  
do mais fundo do meu ser?  
– menina do meu silêncio*

*há tantas crianças mortas  
dentro desses homens vivos  
por que me prendes a mão?...*

O que restou, caro leitor, da criança que foste um dia?  
Quem sabe um pássaro de cinza.



# Pássaro de cinza



# Prólogo

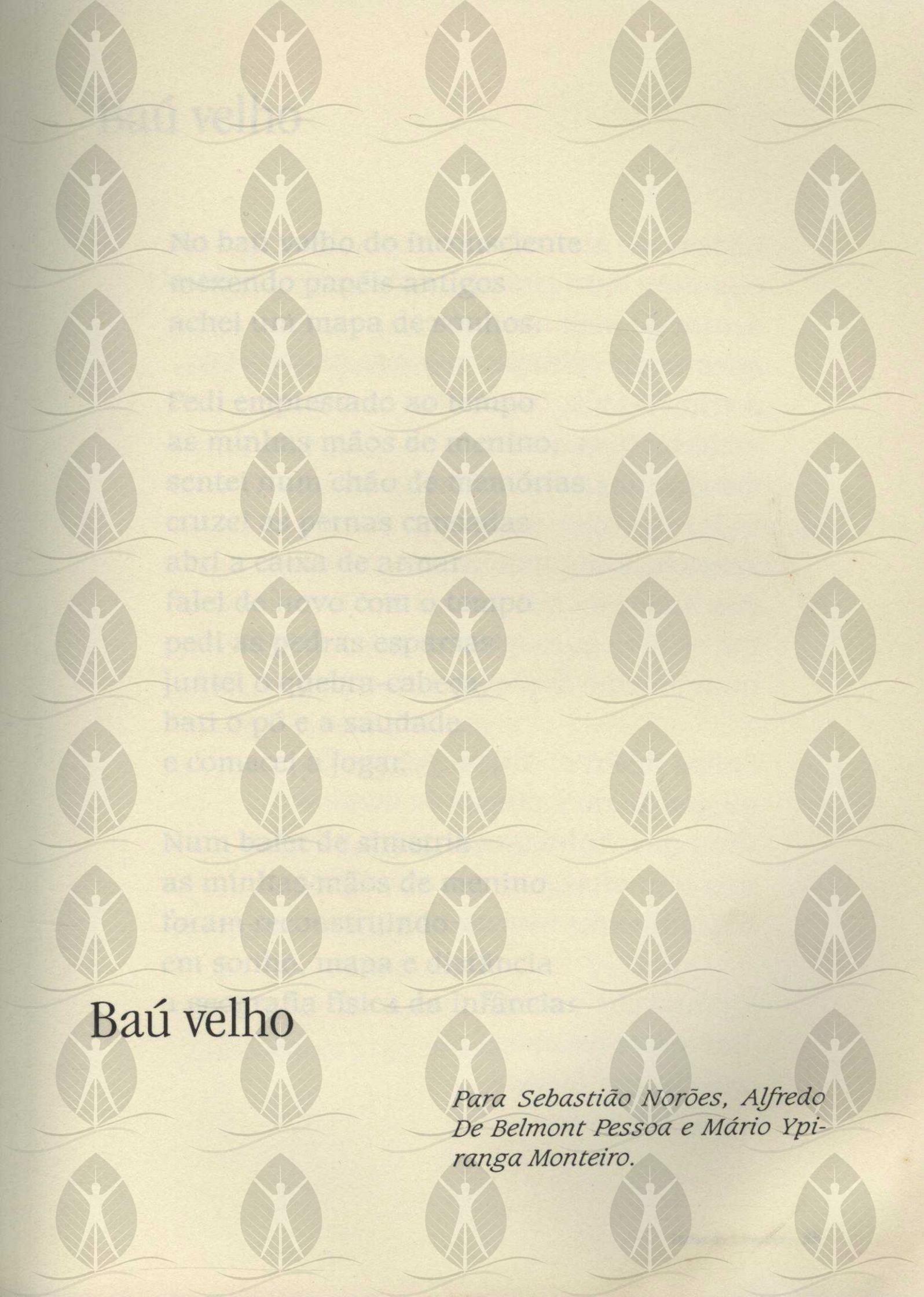
Desses mortos ocasos esquecidos  
chega-me agora o pássaro de cinza;  
de ontem são suas asas, de silêncio  
o seu bico pousado sobre a ponte

entre o vencido vale e o bosque a entrar,  
bica-me o peito onde marés antigas  
jogam restos de mastros e fantasmas  
desses velhos piratas que ficaram

tatuados na penumbra de olhos idos.  
E sem saber talvez do inútil intento  
ninha o vazio do momento, à espera

da comida do sonho que ontem davam  
essas mãos que se foram, consumidas  
nesses mortos ocasos esquecidos...





# Baú velho

*Para Sebastião Norões, Alfredo  
De Belmont Pessoa e Mário Ypi-  
ranga Monteiro.*

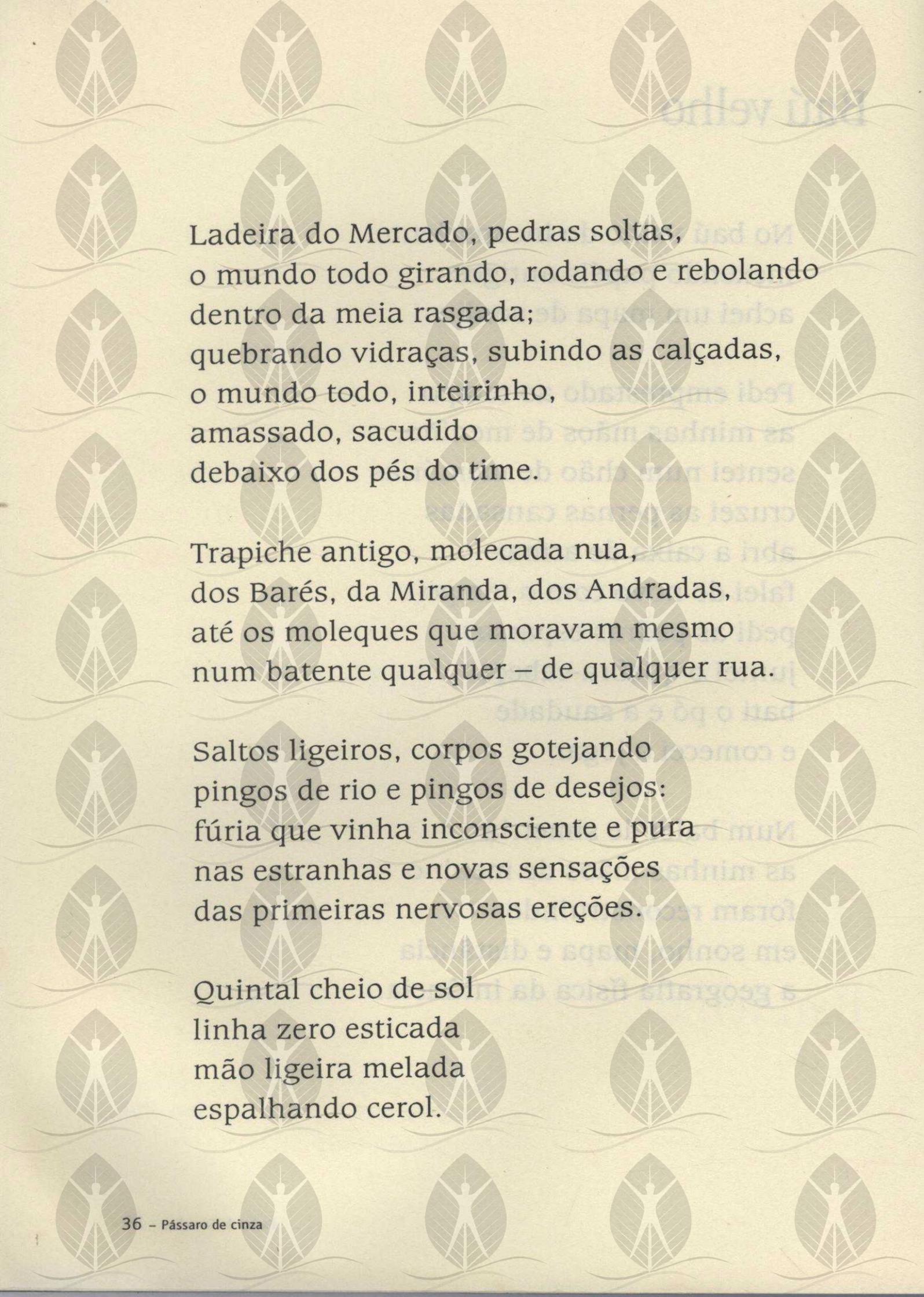


# Baú velho

No baú velho do inconsciente  
mexendo papéis antigos  
achei um mapa de sonhos.

Pedi emprestado ao tempo  
as minhas mãos de menino,  
sentei num chão de memórias  
cruzei as pernas cansadas  
abri a caixa de armar  
falei de novo com o tempo  
pedi as pedras esparsas  
juntei o quebra-cabeça  
bati o pó e a saudade  
e comecei a jogar.

Num balet de simetria  
as minhas mãos de menino  
foram reconstruindo  
em sonho, mapa e distância  
a geografia física da infância:

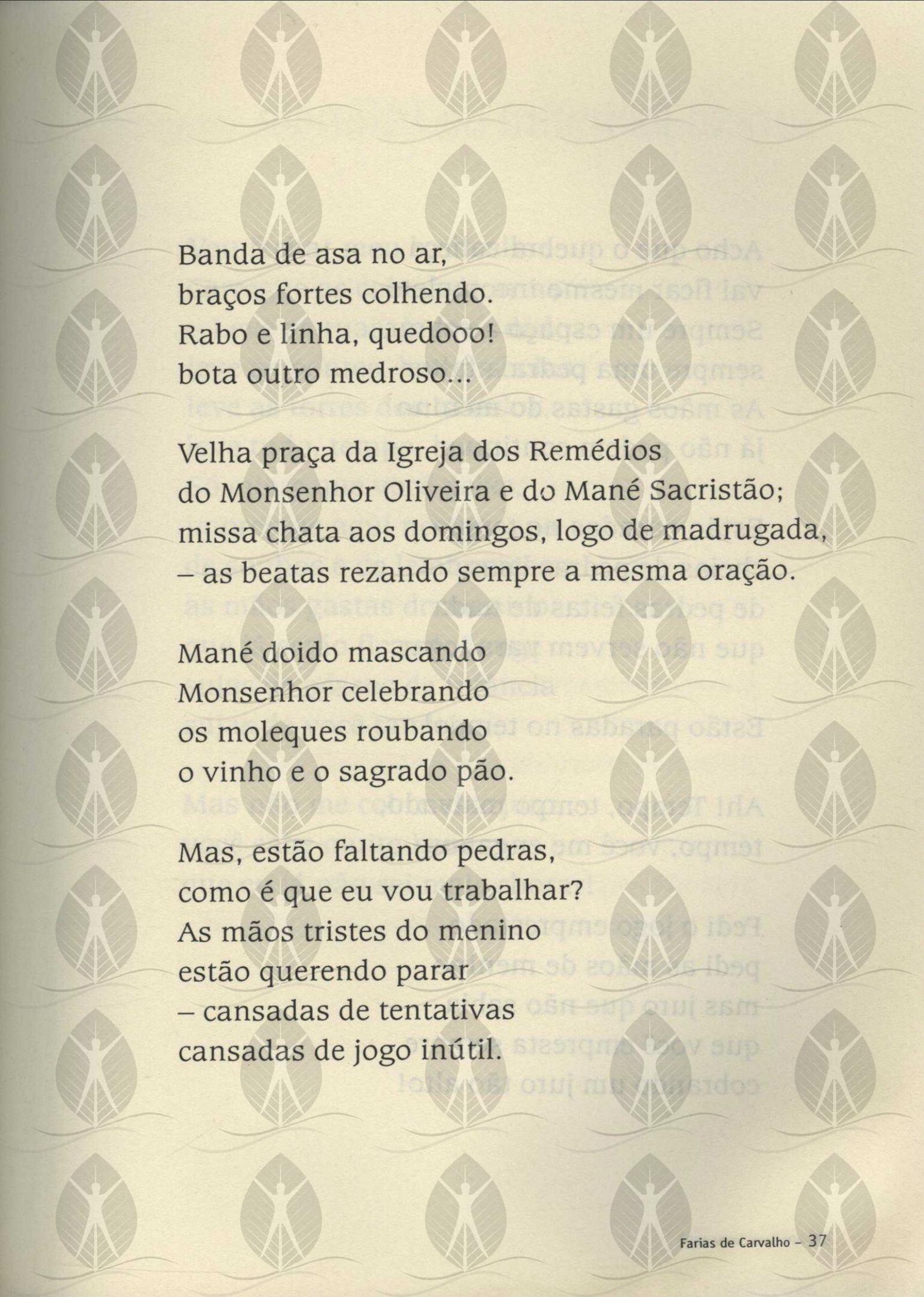


Ladeira do Mercado, pedras soltas,  
o mundo todo girando, rodando e rebolando  
dentro da meia rasgada;  
quebrando vidraças, subindo as calçadas,  
o mundo todo, inteirinho,  
amassado, sacudido  
debaixo dos pés do time.

Trapiche antigo, molecada nua,  
dos Barés, da Miranda, dos Andradas,  
até os moleques que moravam mesmo  
num batente qualquer – de qualquer rua.

Saltos ligeiros, corpos gotejando  
pingos de rio e pingos de desejos:  
fúria que vinha inconsciente e pura  
nas estranhas e novas sensações  
das primeiras nervosas ereções.

Quintal cheio de sol  
linha zero esticada  
mão ligeira melada  
espalhando cerol.

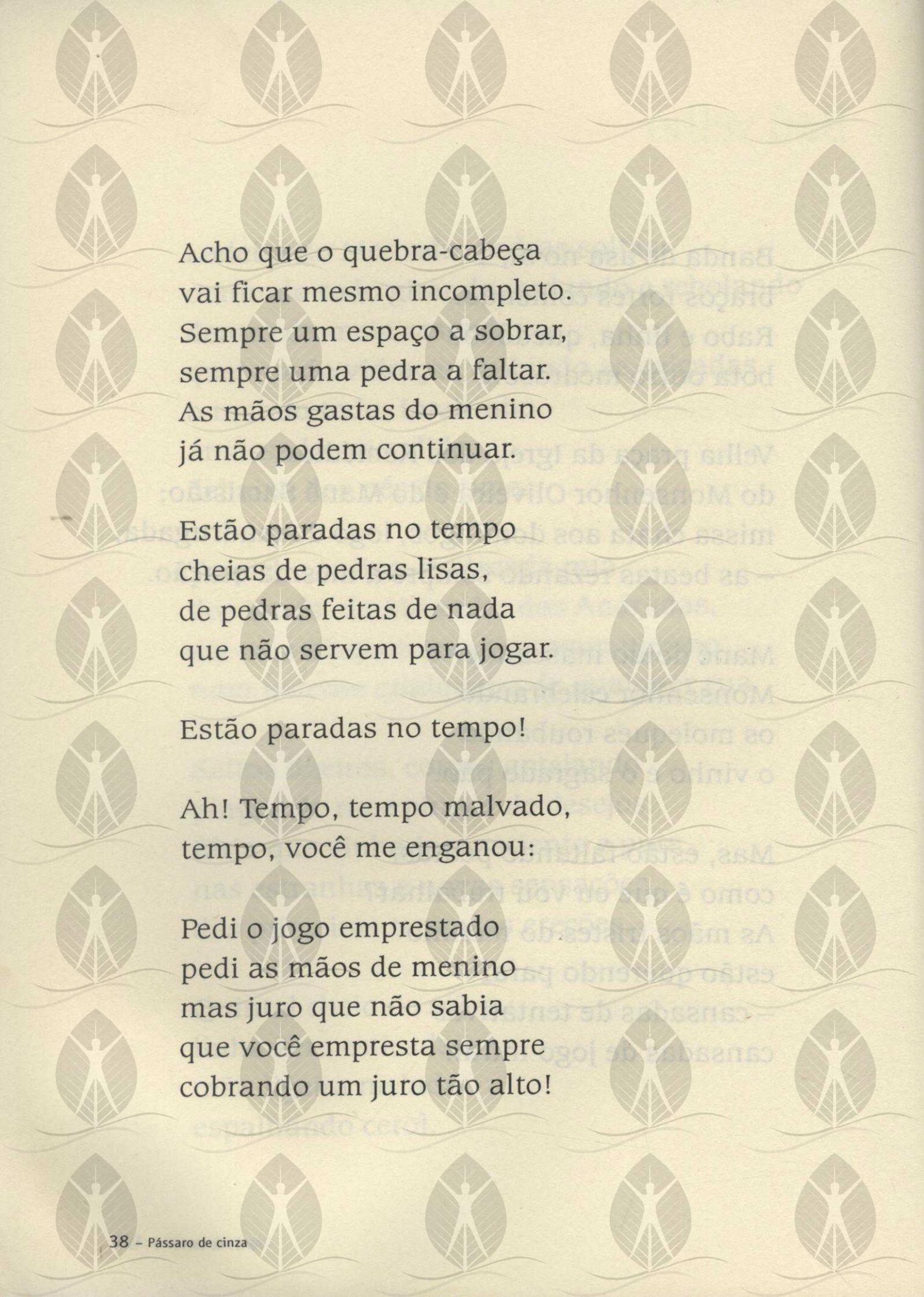


Banda de asa no ar,  
braços fortes colhendo.  
Rabo e linha, quedooo!  
bota outro medroso...

Velha praça da Igreja dos Remédios  
do Monsenhor Oliveira e do Mané Sacristão;  
missa chata aos domingos, logo de madrugada,  
– as beatas rezando sempre a mesma oração.

Mané doido mascando  
Monsenhor celebrando  
os moleques roubando  
o vinho e o sagrado pão.

Mas, estão faltando pedras,  
como é que eu vou trabalhar?  
As mãos tristes do menino  
estão querendo parar  
– cansadas de tentativas  
cansadas de jogo inútil.



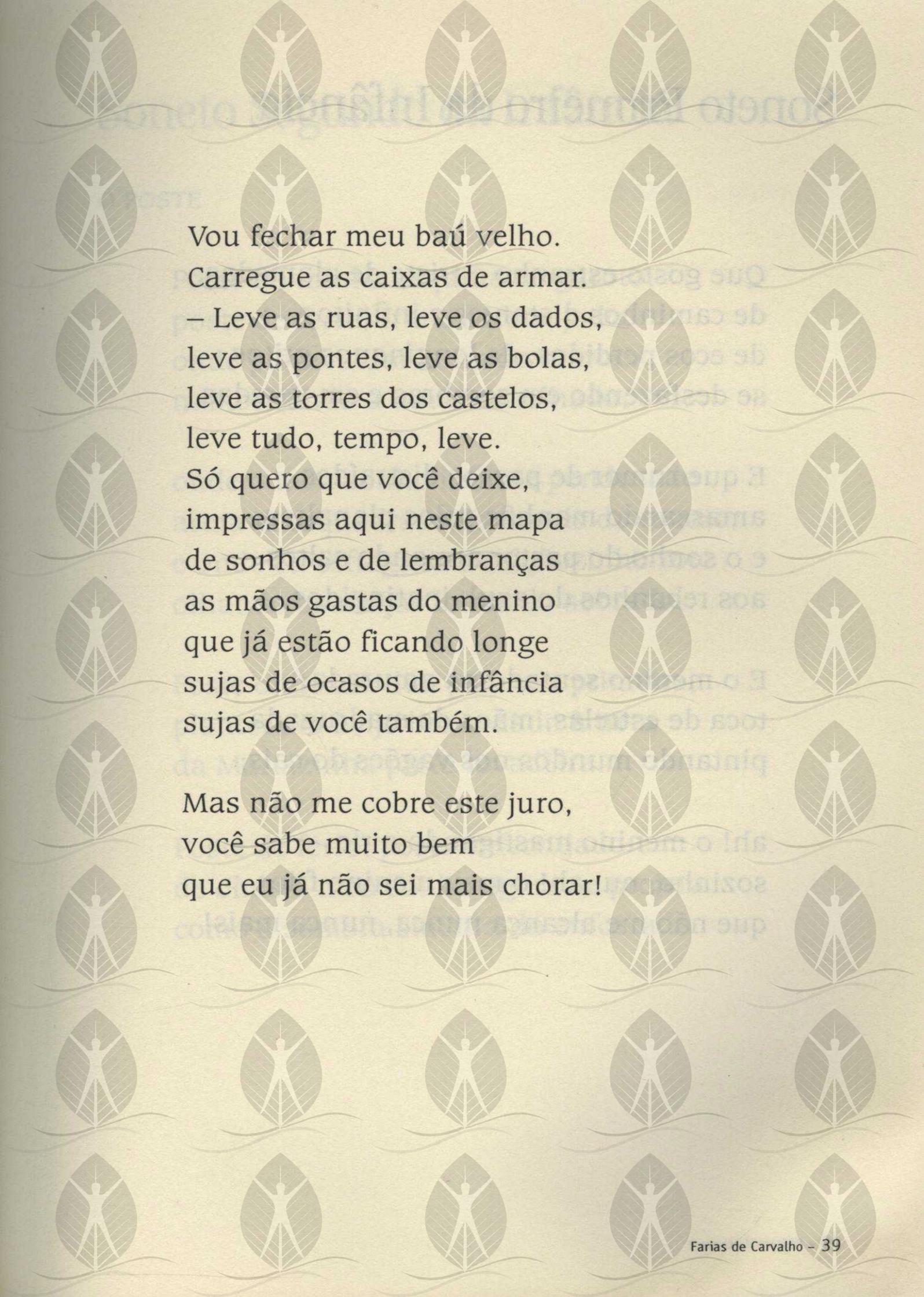
Acho que o quebra-cabeça  
vai ficar mesmo incompleto.  
Sempre um espaço a sobrar,  
sempre uma pedra a faltar.  
As mãos gastas do menino  
já não podem continuar.

Estão paradas no tempo  
cheias de pedras lisas,  
de pedras feitas de nada  
que não servem para jogar.

Estão paradas no tempo!

Ah! Tempo, tempo malvado,  
tempo, você me enganou:

Pedi o jogo emprestado  
pedi as mãos de menino  
mas juro que não sabia  
que você empresta sempre  
cobrando um juro tão alto!



Vou fechar meu baú velho.  
Carregue as caixas de armar.  
– Leve as ruas, leve os dados,  
leve as pontes, leve as bolas,  
leve as torres dos castelos,  
leve tudo, tempo, leve.  
Só quero que você deixe,  
impressas aqui neste mapa  
de sonhos e de lembranças  
as mãos gastas do menino  
que já estão ficando longe  
sujas de ocasos de infância  
sujas de você também.

Mas não me cobre este juro,  
você sabe muito bem  
que eu já não sei mais chorar!

# Soneto Primeiro da Infância

Que gosto estranho e triste de alamedas,  
de caminhos distantes e infinitos,  
de ecos perdidos, de longínquos gritos  
se desfazendo em sombras e em veredas.

E que rumor de passos distraídos  
amassando manhãs pelos planaltos;  
e o sonho do pastor armando saltos  
aos rebanhos do azul, inatingidos.

E o menino sentado na amurada:  
toca de estrelas, mãos de madrugada  
pintando mundos nos vagões do cais;  
ah! o menino mastigando o rio,  
sozinho, nu, ah! o meu menino frio  
que não me alcança nunca, nunca mais!

# Soneto Segundo da Infância

## O POSTE

Poste da minha esquina de garoto,  
poste de ferro, frio e enferrujado,  
onde piscava um lampião maroto  
namoricando a noite no telhado,

onde o meu sonho infante pendurado  
armava esquadras nos canais do esgoto,  
e onde eu esfregava o calçãozinho roto  
olhando as moças loiras do sobrado.

Poste onde um dia, pela vez primeira,  
plantei um beijo breve dado à neta  
da Mariazinha preta lavadeira.

Poste de ferro, poste enferrujado  
de onde o meu sonho agora se projeta  
como a sombra sinistra do enforcado.

# Soneto Terceiro da Infância

"GUARDA CASCAVEL"

Ouço-lhe ainda o apito no meu sonho;  
seu cassetete agora dói lembranças:  
SEUS... – como voltam cheios de lirismo  
os palavrões com que ele nos xingava.

Ah, Cascavel de farda remendada  
que empatava os domingos de sol quente,  
que não deixava a turma irreverente  
jogar bola de meia na calçada.

Se voltasses, verias espantado  
como anda por aqui tudo mudado  
e como agora o jogo é diferente!

Já temos qualquer miolo na cachola,  
somente, agora, nós somos a bola  
e o molecão do mundo chuta a gente.

# Soneto Quarto da Infância

“PADRE AGOSTINHO”

FARIAS! – é sua voz que volta, fonte  
borbulhando saudades indormidas –  
“o senhor fica de castigo, até  
surgir o brilho da primeira estrela”.

(Era de ver-se o pátio inteiro cheio  
da matula irrequieta dos alunos;  
e logo após, ó mágica saudosa  
o Babiêca! – silêncio, psiu, silêncio!)

Padre Agostinho, neste meu soneto  
beijo-te as mãos; e o galo que a sineta  
fez-me na testa um dia, está dizendo

que eu continuo ainda, meu amigo,  
pelos pátios da vida de castigo,  
à espera longa da primeira estrela!

# Soneto Quinto da Infância

“O VASCO DO GUARANY”

Seu Vasco, eu tenho só quinhentos réis,  
deixa eu entrar? eu vou pra Galeria...  
Ele encuiava as mãos, caíam os níqueis,  
e a meninada aos empurrões, subia;

quanto garoto lhe ficou devendo  
o sabor, – deliciosas emoções  
dos primeiros encontros com os cowboys  
tiroteando em cavalos e em vagões!

– A vida, Vasco, é como o teu cinema:  
uns têm bilhete inteiro, outros têm meio,  
a maior parte, fora, sem bilhete;

e o mais duro, (o mais triste!) é que entre os donos  
das platéias imensas deste mundo  
existem poucos, muito poucos Vascos!

# Soneto Sexto da Infância

"A PRIMEIRA NAMORADA"

Como pássaros brancos que voltassem  
de uma estranha região de coisas mortas,  
as tuas mãos, Teresa, em meus cabelos  
vieram ninhar saudades esquecidas.

Deixa eu tê-las nas minhas. Vamos juntos  
passar velhos domingos de outros tempos,  
fazer a turma toda roer de inveja  
quando eu passar contigo pela praça.

Repetiremos tudo novamente:

– eu, orgulhoso, comprarei sorvetes  
com os dez mil-réis contados da semana;

ficaremos depois no velho banco  
sem dizer nada, nossas sombras juntas  
como duas saudades que se achassem!

# Soneto Sétimo da Infância

“O MANÉ SACRISTÃO”

Tudo parece murmurar teu nome  
Mané, no templo antigo dos Remédios:  
o turíbulo, os bancos, os altares  
tudo sabendo a ti, a tua presença.

– Diabo, que esses moleques só me servem  
pra emporcalhar a igreja, monsenhor.  
Ou o senhor manda essa canalha embora  
ou vá buscar um sacristão no inferno!

Acredito que agora quando a noite  
desce envolvendo a nave, todos choram  
pensando em ti; e até Jesus, subindo  
a torre antiga, silenciosamente  
vai saudoso pedir ao velho sino  
que te chame de volta, novamente!

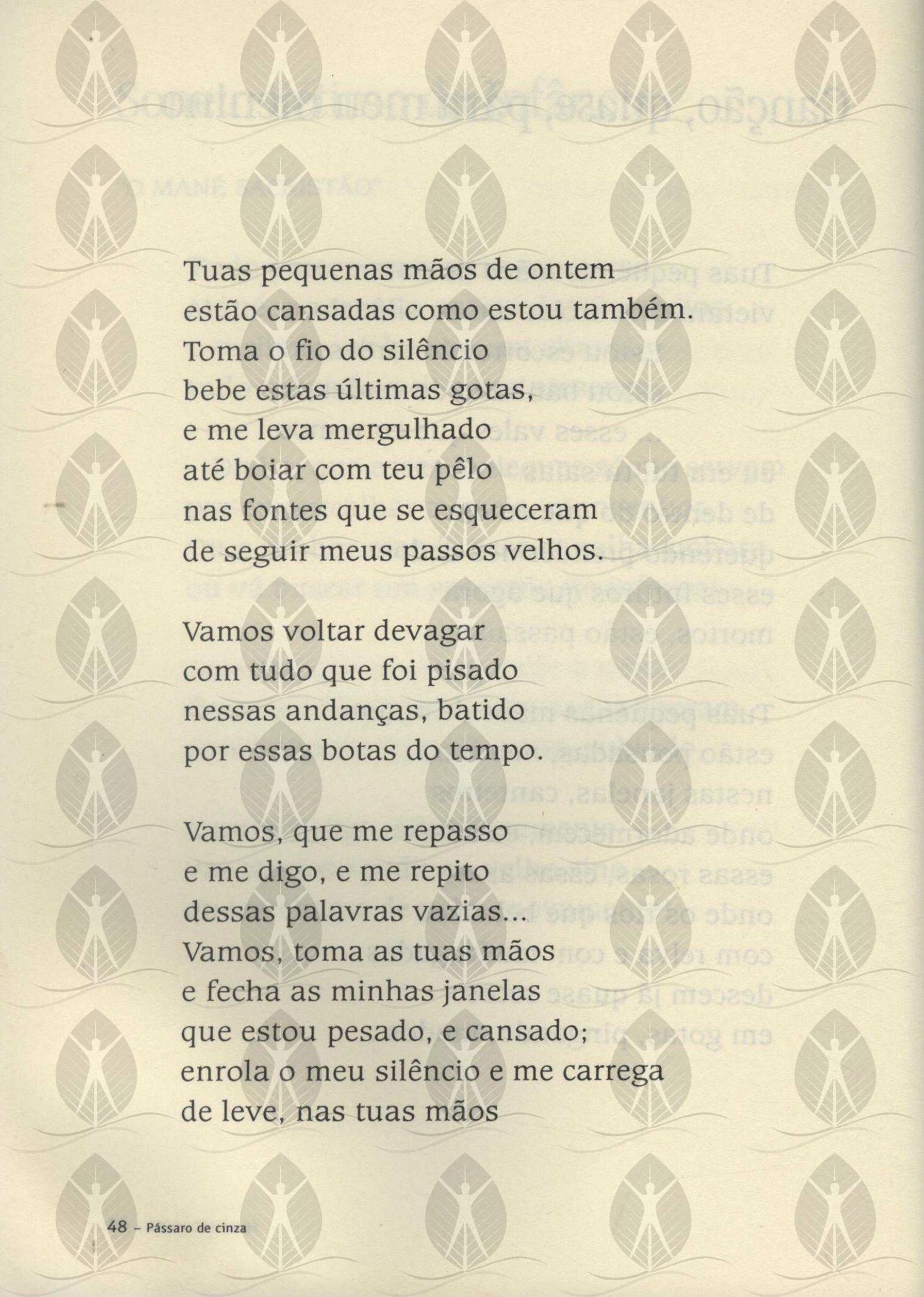
# Canção, quase, para meu menino

Tuas pequenas mãos de ontem  
vieram desenrolar o meu silêncio.

Estou escorrendo tardes,  
estou banhado de verdes;

... esses vales que corremos  
eu era tu, tu saías  
de dentro do que eu era  
querendo prender nos dedos  
esses futuros que agora  
mortos, estão passados.

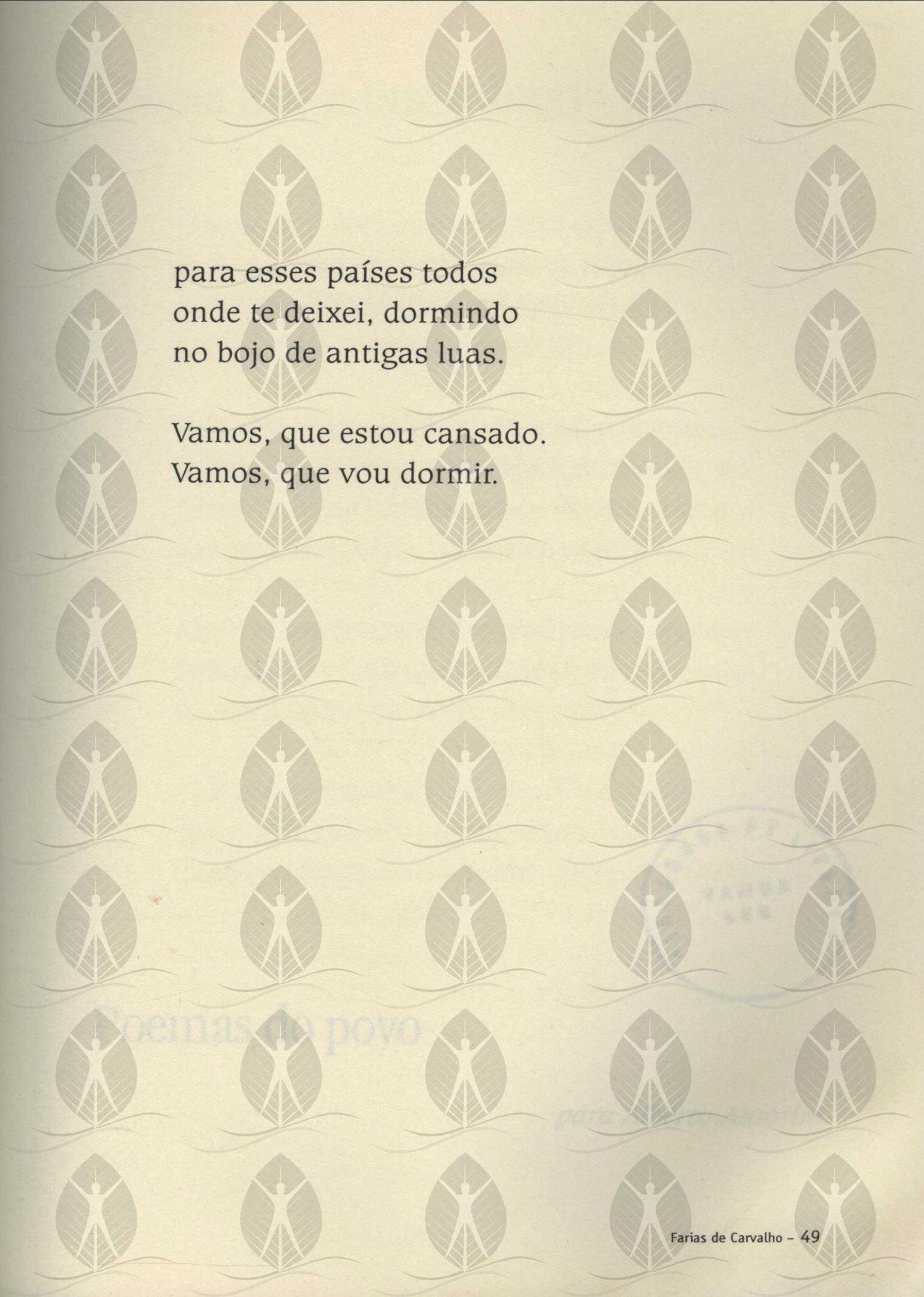
Tuas pequenas mãos de ontem  
estão pousadas, menino,  
nestas janelas, canteiros  
onde adormecem, caladas  
essas rosas, essas asas  
onde os rios que bebemos  
com relva e com madrugadas  
descem já quase secos,  
em gotas, pingando, mudos...



Tuas pequenas mãos de ontem  
estão cansadas como estou também.  
Toma o fio do silêncio  
bebe estas últimas gotas,  
e me leva mergulhado  
até boiar com teu pêlo  
nas fontes que se esqueceram  
de seguir meus passos velhos.

Vamos voltar devagar  
com tudo que foi pisado  
nessas andanças, batido  
por essas botas do tempo.

Vamos, que me repasso  
e me digo, e me repito  
dessas palavras vazias...  
Vamos, toma as tuas mãos  
e fecha as minhas janelas  
que estou pesado, e cansado;  
enrola o meu silêncio e me carrega  
de leve, nas tuas mãos



para esses países todos  
onde te deixei, dormindo  
no bojo de antigas luas.

Vamos, que estou cansado.  
Vamos, que vou dormir.

Poemas do povo



Elegia que a tarde ditou

Elegia da cor que sem cor  
esta presença brilha e sem nome  
gostou de morte. Ela que não vai  
longe, gostos bons, sou amado

Tudo o que sinto de mim, pois só com teu  
unha e da ao alho, tudo me dá  
Amor, de algo, amor de  
chegando a selvagem, calheira e argo

Abraços e fugas, domingo e noites.  
Descobertas das coisas patentes  
na hora triste da vida do passado

... E quem desce a terra. Ela que não fute  
que eu estava em ti, mas eram tu  
que eu plantava meus pés como



# Poemas do povo

*para Alberto Amorim*



# Elegia que a tarde ditou

Elegia sem cor: que não tem cor  
esta ausência brutal e sem motivo;  
gosto de morte, Elza, que não vivo  
longe do gosto bom do teu amor.

Tudo ausente de mim. Pois só contigo  
tinha a vida ao alcance do meu tato.  
Amor livre de alcova, amor de mato  
cheirando a relva, a cajueiro antigo.

Ah, nossas fugas nos domingos quentes.  
Desculpas secas dadas aos parentes  
na hora triste da volta do passeio.

... E ninguém desconfiava, Elza, que os frutos  
que eu falava em colher, eram teus seios  
que eu plantava nas mãos como dois lírios!

# Ciclos da Poesia

Para o pioneiro Luiz Bacellar

A cantiga do Poeta caminheiro  
entrou pelos porões do poeta estátua  
e acordou os cavalos do seu coche  
que saíram troteando alexandrinos.

O Poeta caminheiro olha as coisas da vida  
e canta a poesia pura que há nas coisas  
– pedra, poste, varanda, esterco fumegante,  
éguas em fim de tarde, baús cheios de infância,  
vigília – pasto de tempo e de memórias,  
rima pão com bigornas e martelos,  
suor com sangue e com revoluções.

O poeta estátua lima a teimosia  
contando os dedos no compasso lento  
dos cascos que se perdem na poeira;  
olhos sujos de tumba e na lapela  
a identificação: uma lira doirada  
comprada a um joalheiro que jurara  
ter conhecido Olavo Braz Martins dos  
[Guimarães Bilac,

e que também nas noites de luar  
faz belíssimos versos decassílabos  
rimas em IR em ER em OR em AR.

O Poeta caminheiro quando passa  
com vales no seu peito e vacas dentro deles,  
pingando leite e sonho pelas tetas  
fumegando dragões de roda e esteira  
plantando aeroportos nas tranças da lua  
e durante as serestas de violão elétrico  
engulindo BI em vez de empadas  
e em lugar da Pascoal e da Colombo  
inventando pascoales e colombos  
em novas, incessantes descobertas,  
quando ele passa, o Poeta caminheiro  
sujo, menos de rima, mais de poesia,  
o poeta estátua baixa o pince-nez  
inventa uns olhos tristes de penumbra  
e fala, a palavra se esforça em ser metrificada:

“São uns loucos, uns burros e sacrílegos;  
a beleza do verso está nas rimas  
na contagem das sílabas cantantes,  
na imagem, na grandeza do tesouro  
que nos chega afinal na chave de ouro.  
Poesia para mim não passa disto:  
versos rimados, métrica cantante,  
filigranas e luas, sóis e adiante  
e fecho eterno, o fecho deslumbrante”.

O Poeta caminheiro, o olhar perdido  
pastando os planos do porvir incerto  
plantando chaminés nos versos fumegantes  
apanhando poesia nos instantes que passam  
perdendo-se em distância,  
falando de cebolas e tomates  
que têm tanta poética – ou mais, quanto as [estrofes  
cheias de olhos profundos, e mãos alabastrinas,  
exaltando Carlitos, seu bigode, sua cartola  
e muito mais que isto  
suas botinas

que têm mais poder de alcance para o sonho  
que a bota de sete-léguas,  
descobrimo beleza onde até hoje  
em nem uma estátua de mármore se viu.

O poema termina aqui, forma imperfeita e rude;  
a chave de ouro, amigo poeta estátua  
deve andar caducando por aí  
– indico antologias empoeiradas,  
o antiquário chinês LIN-TEY MO-SIA  
ou as frases latinas retumbantes  
que balançam penduradas dos milênios  
dos mausoléus, museus e academias...

# Meu cavalo chegou

Meu cavalo chegou (memória e nuvem)  
a aurora derramada sobre a crina.

Meu cavalo chegou. Fome de tudo  
estou também: engoliremos mundos.

Meu cavalo chegou. E, pressentidos  
os caminhos me espiam de suas rédeas.  
Meu cavalo chegou. Há quanto tempo  
gasto-me em pés e olhos nesta espera...

Meu cavalo chegou. Eu despertava  
quando o vento falou-me de seus cascos  
e a poeira garantiu-me sua presença.

Meu cavalo chegou. Cumprir-me-ei.  
Tanta gente cansada nessas cruzes...

Meu cavalo chegou. Mortos, montai!...

## Soneto

Este momento é o meu. Esses demônios  
pendurados na tarde me lancetam  
para que o prenda. Acordam meus dragões  
guardas de febre e fogo: vou sair...

Quanta coisa lá fora! Quanta rosa  
e olhar nenhum pousado no jardim.  
Quantos braços e pernas se chocando,  
e o Vale, anfitrião, sem convidados...

Chamo alguém. Volta um rosto. Dois punhais  
luzem. São olhos? Ou apenas eu  
que me inventei ferido? Nada feito.

Puxo. Converso. Grito. Corro. Pulo.  
Ninguém responde. – Vão pisar a rosa,  
eia! dragões, é hora: devorai-os!

# Estou vindo de longe

Estou vindo de longe. Minha boca  
queima-a o sal dessas lágrimas de ontem;  
levo para esses bosques esta sombra  
do que fui, e o silêncio em que me busco.

Sigo banhado dessas águas mansas  
que me surgiram fonte, quando aurora  
eram meus olhos, esses mesmos que hoje  
lutam ainda por sê-los, embora cinza

seja o sulco dos passos que ficaram.  
E seguro na luz da única estrela  
(a que ficou das minhas noites mortas)

cumpro o destino desses meus caminhos,  
– este cansaço de bater às portas  
nesta velha procura de mim mesmo.

# Nestas horas vazias, carcomidas

Nestas horas vazias, carcomidas  
como a jaqueta do mendigo velho  
que ausente está dormindo junto ao poste,  
que me foi mastro quando meu veleiro

ancorava com a lua nas esquinas,  
sinto que devo freqüentar mais EU,  
minhas palavras, que estremece o arco  
retesado de amor para o disparo.

Sinto que devo me calçar das botas  
que o mendigo esqueceu nos amanhãs  
que ainda estão por chegar, e me correr

de mim para mim mesmo; e então, depois  
flutuar sobre o canteiro, sobre o muro  
e plantar esta rosa na calçada.

## Pesadelo

As praças do meu sonho erigem forcas  
de onde se lançam corpos retesados;  
corpos que ora não são, e são apenas  
cabeças, com meus versos desenhados.

Guilhotinas retinem, rangem porcas  
guilhotinando estrofes malnascidas,  
racham-se os cantos, abrem-se feridas,  
brotam olhos das chagas me fitando.

O carrasco maneja os instrumentos.  
Grito que pare, arranco-lhe o capuz,  
e o meu rosto acontece no seu tronco;

diz que sou eu e entrega-me a sentença:  
é um poema ainda em branco e traz no fim  
o meu nome gravado, escrito em sangue.

# A moda do poeta

As mãos do mundo estão pingando sangue,  
sangue no bico da pomba da paz,  
sangue traindo a máscara dos homens  
e os fraques das reuniões convencionais:

flores, bandeiras, atas e cartolas,  
congressos, excelências, comitês;  
e sempre a sombra do jaguar pairando  
dentro dos olhos e das intenções.

– Foi por isso que o Poeta pendurou  
como um broche de amor, fora do peito  
o coração, pulsando na lapela.

Quando os homens fizerem como o poeta,  
poderão relaxar a vigilância

– o ódio não vingará em corações expostos.

# Acorrentado de silêncios velhos

Acorrentado de silêncios velhos  
meu grito se fez lua, e me passeia  
vestido nas roupagens dessas noites  
onde pastam meus sonhos como ovelhas.

Às vezes, pendurado dessas horas  
que se acendem de faces e de bocas,  
neste ofício de mago e serralheiro  
rompe algumas algemas, e, – quem sabe?

por um cochilo desses anjos negros  
inventar e montar essas palavras todas  
que me batem no peito como patas.

Essas palavras que me chegam, fiapos  
de lua e sangue e carne do meu grito  
acorrentado de silêncios velhos...

# Soneto

Sinto que estou amanhecendo. Sinto  
que a noite já não é tanta. Estrelas  
só a Dalva, a mesma que acabou  
de agorinha nascer dentro do verso.

Amanhecendo. Amanhecendo. DIA!  
Há tanto tempo que grudei meus olhos  
na ponta dos meus dedos, e meus dedos  
joguei dentro do tempo, há tanto tempo...

Tudo por ti, buscando a ti, que estava  
tão escuro fora e dentro de mim  
tão sem luz, tão sem luz, tão sem rota...

E como é bom sentir que te aproximas,  
sentir de volta, olhos, dedos, braços  
nesta paz, neste gosto assim de aurora.

# A Nova República

Vou começar a construir meu mundo.  
Este, que não suporto, me asfixia.  
Os olhos já se cansam de assistir  
a mecânica dança dos bonecos.

Um botão, e o sorriso encomendado  
rasga a máscara fria do fantoche.  
Outros botões, e seguem-se outros gestos  
na estúpida intenção preconcebida.

Por isto eu quero um mundo. Hei de cercá-lo  
com a alta tensão de sensibilidade  
da Poesia inquilina do meu sangue.

Nele entrarão apenas os eleitos,  
os que apanham as estrelas como rosas  
e as dependuram, vivas, sobre o peito!

# Meu outro mundo

Há entre mim e o mundo que me cerca  
um outro, diferente, mais perfeito,  
cheio das coisas simples, puras, – rosas  
estrelas e crianças saltitantes.

Nele não cabem marcos, nem bandeiras  
que justifiquem ódios e agressões,  
nem tambores de guerra, nem canções  
para marcar o passo de assassinos;

porque meu mundo é um supermundo, reino  
dos que encontraram a fonte e se banharam  
de amor, de graça e se fizeram puros;

dos que têm o poder, pela renúncia,  
de receber um golpe e devolvê-lo  
sob a forma de um beijo ou de uma flor!

# Canto Negro

Este Clamor que o vento traz na voz  
e chega a derramar-se no silêncio;  
este sacolejar de mãos ossudas  
crispadas sobre o tempo e sobre os mundos;

este berrar de pequeninos seres  
grudados nesses peitos que já foram;  
este bater de corpos mulambentos  
chafurdando na lama dos prostíbulos;

este, é o canto dos injustiçados!  
Tremei, senhores donos do universo,  
que ele, vindo do bojo dessas noites

que dormem, podres, nos porões da história  
vos tragará, para explodir, depois  
na madrugada nova, que já tarda...

# Mensagem do amanhã

Essa aurora que vem, será dos puros,  
dos bem-aventurados loucos de hoje;  
dos que trocaram o paletó de carne  
pela túnica azul dos infinitos.

Essa aurora que vem, será dos poetas,  
esses feitores mágicos de mundos,  
– galopadores das palavras vivas  
que serão a estrutura do amanhã.

Essa aurora que vem, cairá das mãos  
desses pálidos anjos que andam, à noite,  
tatuando mensagens nos espaços...

Essa aurora que vem, magicamente  
pulará da cartola de Carlitos  
com a chave de amor do mundo novo!

# O Poema

Entre o sonho e a vivência, se engravida  
a mente das regiões das noites mortas;  
as auroras de fogo ressuscitam  
e surge o sol e é dia na memória.

Cânticos, fontes, vales, madrugadas,  
calma de lagos e fúria de oceanos.  
O instante se dispersa como o raio  
que só deixa de si o eco perdido.

E, menos para o gosto de outros olhos  
mais para ao paladar do Eu que comanda,  
o poeta tenta aprisionar o instante;

e se consegue, artífice divino,  
trabalha como um mágico a palavra  
e o poema nasce, e é vida e é Mensagem!

# Minha palavra lanço-a quando é hora

Minha palavra lanço-a quando é hora  
de percorrer-me em sua consistência.

Presença de pureza não tocada  
no andaime de silêncio e carne e alma.

Digo sem me dizer. Falar somente  
pelas bocas que habitam meus ouvidos.  
Lábio sem substância de outros olhos  
é lábio só. Nunca se soube asa.

Assim, transmito sem fazer procura  
do que me vem por nuvens e caminhos,  
o que me passa e ganha-se em eterno.

Transmito apenas. (Ponte construída  
pelos toques do deus que me visita  
contento-me em ligar esses abismos...)

# Soneto

Lá se vem novamente. Abismo e sonho  
e frágil ponte que se faz mais frágil  
quando flutuada em interrogação.  
Acordar como, se não estou dormindo?

Não estou? então loucura deve ser.  
Loucura que se sabe e não se basta,  
e que por não bastar-se e se saber  
somente é. Ah! esse velho anseio...

Não houve fonte que não recebesse  
meu chamamento. Nem tão pouco vale  
que não sentisse em si meus pés de mundo.

E fonte e vale e abismo e sonho e ponte  
se quiseram em mim. E por que então  
será que não me sei, profundamente?

# Grande Evocação

Sementes do meu silêncio  
germinai!

– Há um poema tatuado na epiderme  
deste minuto de consolação.

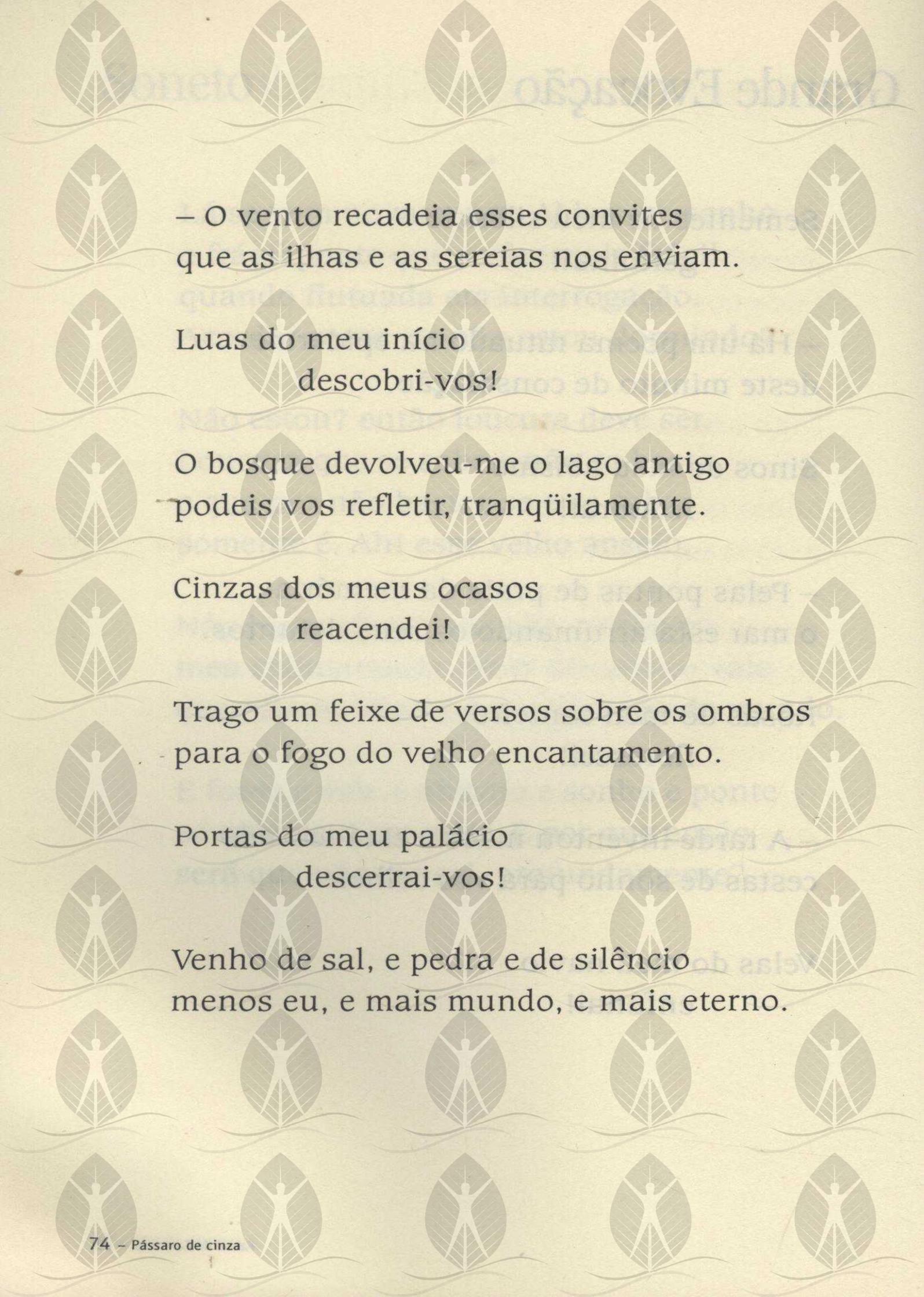
Sinos do meu abismo  
redobrai!

– Pelas pontas de praia da memória  
o mar está arrumando os seus defuntos.

Rosas do meu canteiro  
florecei!

– A tarde inventou mãos e está tecendo  
cestas de sonho para vos colher.

Velas do meu navio  
enfunai!



– O vento recadeia esses convites  
que as ilhas e as sereias nos enviam.

Luas do meu início  
descobri-vos!

O bosque devolveu-me o lago antigo  
podeis vos refletir, tranqüilamente.

Cinzas dos meus ocasos  
reacendei!

Trago um feixe de versos sobre os ombros  
para o fogo do velho encantamento.

Portas do meu palácio  
descerrai-vos!

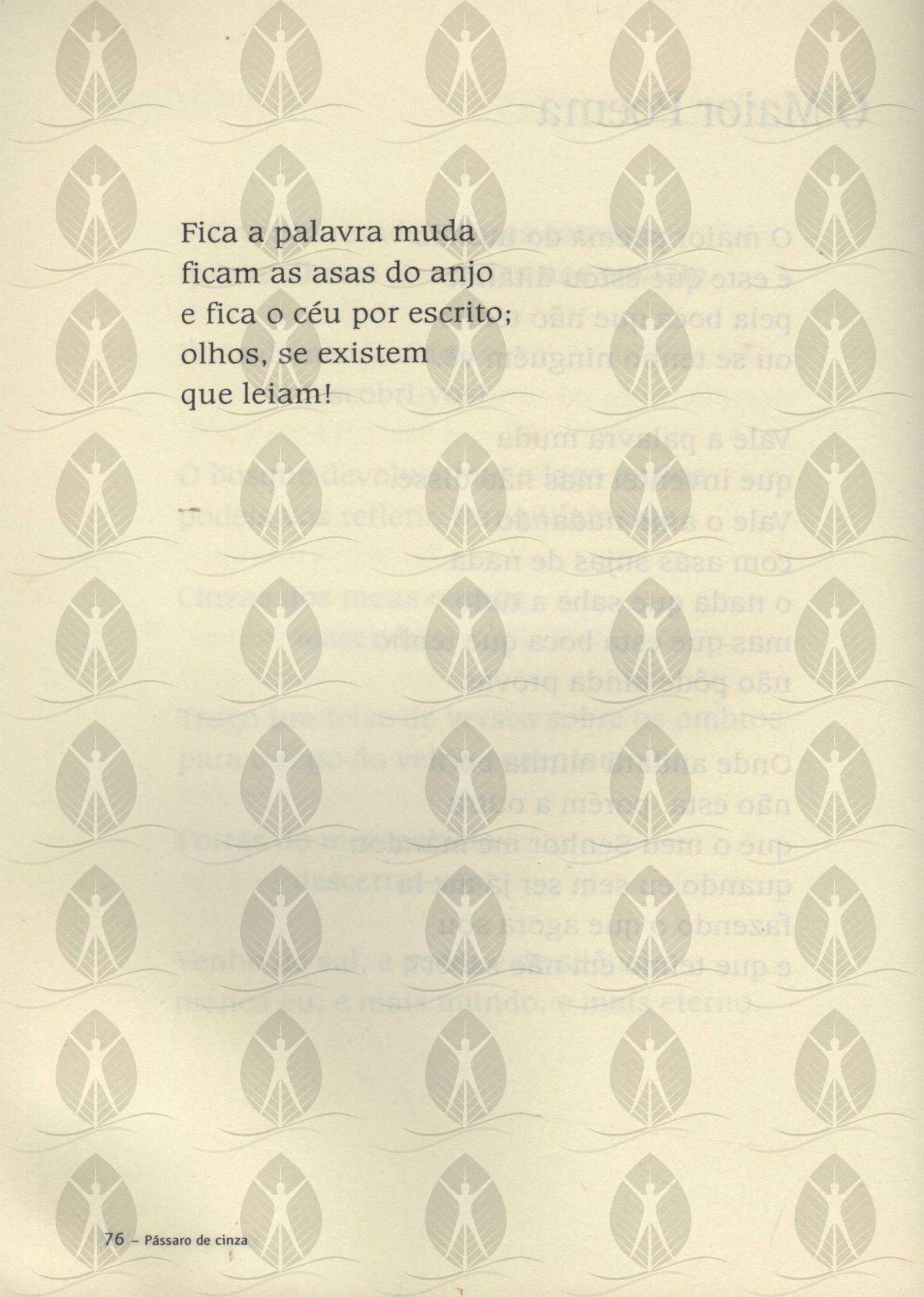
Venho de sal, e pedra e de silêncio  
menos eu, e mais mundo, e mais eterno.

# O Maior Poema

O maior poema do mundo  
é este que estou ditando  
pela boca que não tenho  
ou se tenho ninguém vê.

Vale a palavra muda  
que inventei mas não disse.  
Vale o anjo nadando  
com asas sujas de nada  
o nada que sabe a tudo  
mas que esta boca que tenho  
não pôde ainda provar.

Onde andaré minha boca  
não esta, porém a outra  
que o meu Senhor me mandou  
quando eu sem ser já me ia  
fazendo o que agora sou  
e que teimo em não saber?



Fica a palavra muda  
ficam as asas do anjo  
e fica o céu por escrito;  
olhos, se existem  
que leiam!

# O Poeta

POETA?

Não sei se sou...

Será que é porque escrevo  
nesses papéis de boteco  
onde os números pintam o rosto  
a alma e os bigodões  
do merceeiro “seu” Joaquim?

Ou será ainda porque  
outro dia me encontraram  
falando com um pato negro  
da piscina do jardim?

Não sei!

O que eu sei apenas  
é que a noite já chegou,  
e os patos do lago manso  
estão chamando, chamando  
**PARA O JANTAR DAS ESTRELAS...**

# Equívoco

Das curvas da noite imensa  
surgiram caminhos loiros...

E minhas mãos inquietas  
bailaram ritos estranhos  
pensando que tu chegavas.

Mas não eram teus cabelos  
nem teus braços, nem teu colo  
nem tua boca,  
nem nada.

Era o mesmo engano frio  
de mais outra madrugada.

E minhas mãos recolheram  
todos os gestos inúteis.

Fiquei na mesma vigília,  
o orvalho pingando, mudo,  
dos meus dois olhos ausentes...

# Poema

Não importa que a ninguém comova  
o espetáculo da Rosa se despetalando.

– Eu chorarei sozinho, e tecerei  
[outra,  
para plantar no meu silêncio...

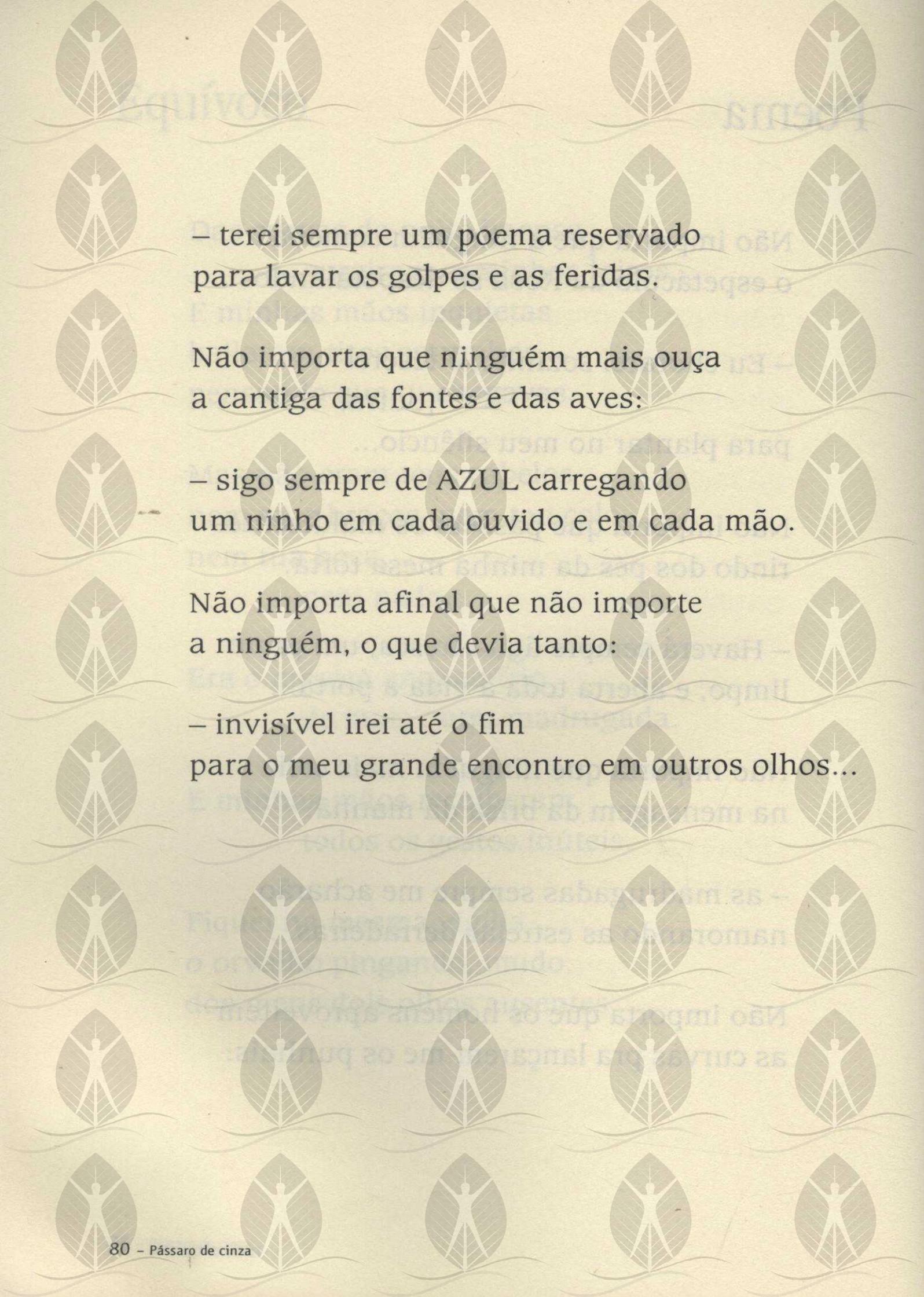
Não importa que passem os maldizentes  
rindo dos pés da minha mesa torta.

– Haverá sempre água fresca, um prato  
limpo, e aberta toda a vida a porta...

Não importa que ninguém mais creia  
na mensagem da brisa da manhã:

– as madrugadas sempre me acharão  
namorando as estrelas derradeiras...

Não importa que os homens aproveitem  
as curvas pra lançarem-me os punhais:



– terei sempre um poema reservado  
para lavar os golpes e as feridas.

Não importa que ninguém mais ouça  
a cantiga das fontes e das aves:

– sigo sempre de AZUL carregando  
um ninho em cada ouvido e em cada mão.

Não importa afinal que não importe  
a ninguém, o que devia tanto:

– invisível irei até o fim  
para o meu grande encontro em outros olhos...

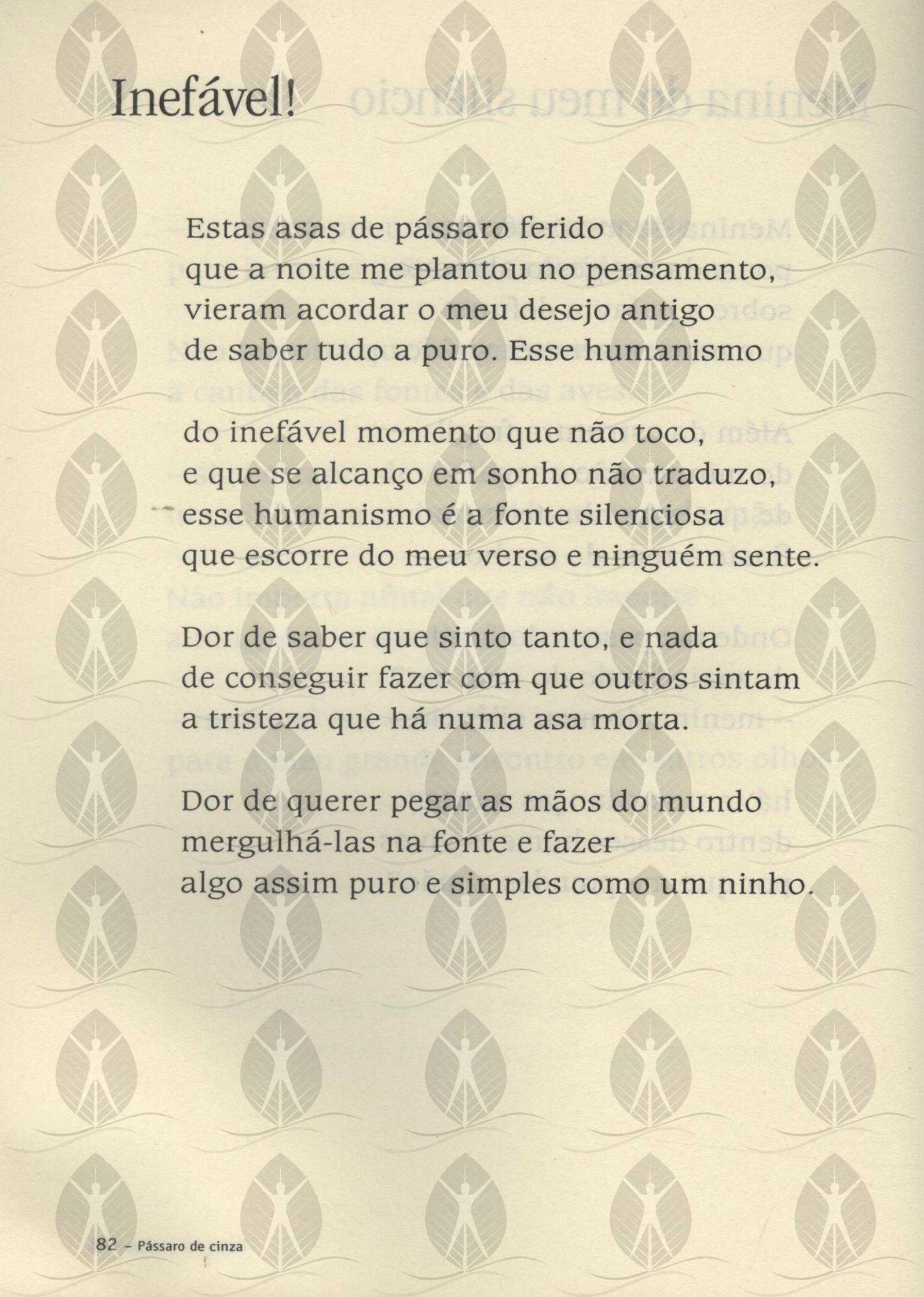
# Menina do meu silêncio

Menina do meu silêncio  
pousada em gesto abstrato  
sobre a palavra defunta  
que morreu sem ter vivido.

Além da estrutura frágil  
do minuto não chegado,  
de que estranha tecitura  
fiaste a rede do sonho.

Onde me pescas do fundo  
do mais fundo do meu ser?  
– menina do meu silêncio

há tantas crianças mortas  
dentro desses homens vivos  
por que me prendes a mão?...



# Inefável!

Estas asas de pássaro ferido  
que a noite me plantou no pensamento,  
vieram acordar o meu desejo antigo  
de saber tudo a puro. Esse humanismo  
do inefável momento que não toco,  
e que se alcanço em sonho não traduzo,  
esse humanismo é a fonte silenciosa  
que escorre do meu verso e ninguém sente.

Dor de saber que sinto tanto, e nada  
de conseguir fazer com que outros sintam  
a tristeza que há numa asa morta.

Dor de querer pegar as mãos do mundo  
mergulhá-las na fonte e fazer  
algo assim puro e simples como um ninho.

# Poema

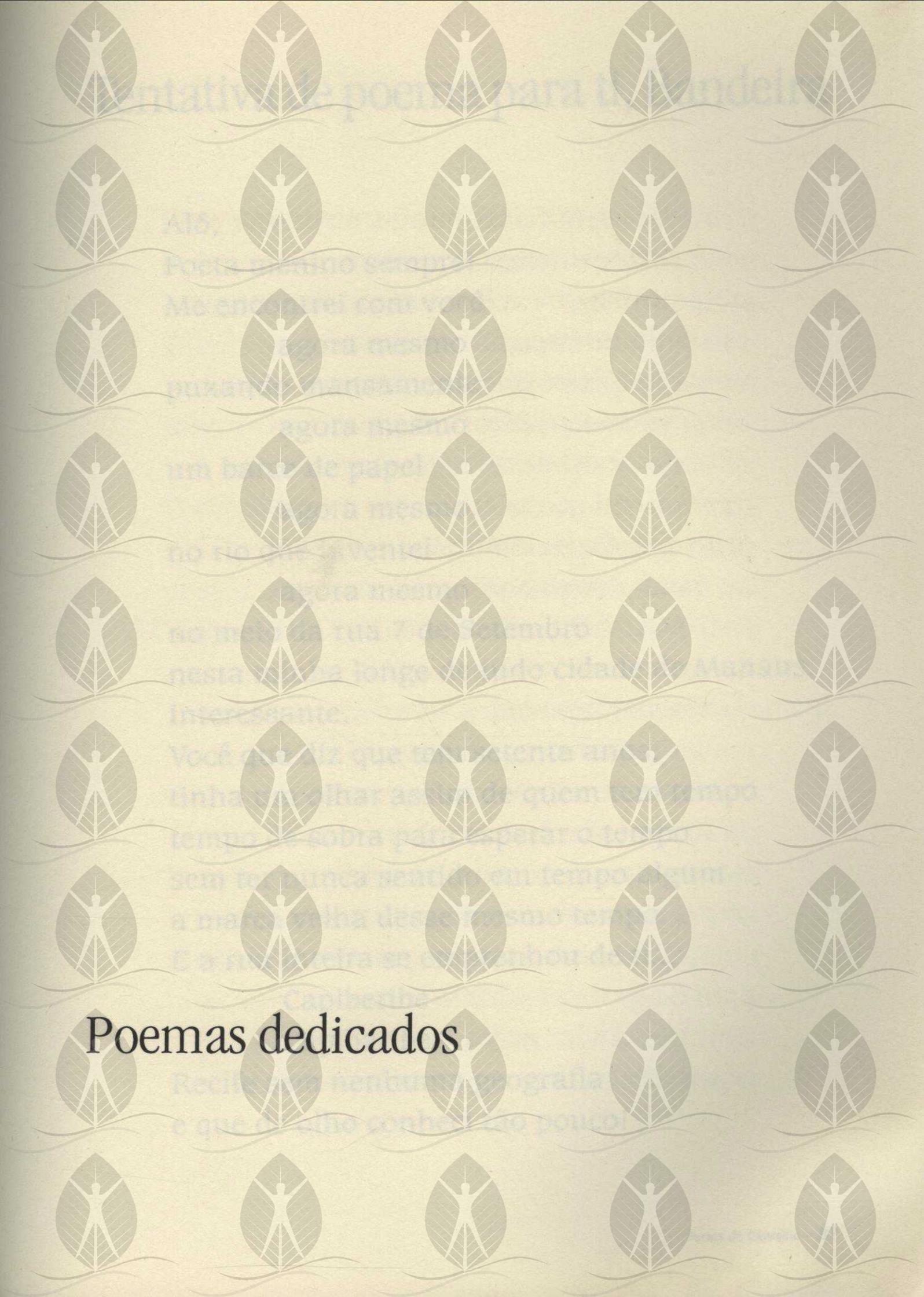
Eu vou plantar meu coração na noite  
e esperar que a mágica dos poetas  
ressuscite as auroras esquecidas...

Eu vou plantar meu coração na noite  
para que então  
todos os caminhantes,  
todos os naufragos perdidos,  
todas as naus de velas rotas,  
saibam de longe  
que a Rosa  
é a bússola de amor que está faltando  
na caravela atônita do mundo.

# Epitáfio

Quando eu tiver que baixar, sem escafandro,  
ao mar, onde o vento nunca sopra,  
para enfunar as velas do regresso,  
que venha um poeta  
(se não houver, um louco mesmo serve)  
e não pense em fazer um epitáfio.

— Peça apenas à noite  
**QUE PENDURE UMA ESTRELA NO MEU TÚMULO.**



Poemas dedicados



# Tentativa de poema para ti, Bandeira

Alô,  
Poeta menino sempre!  
Me encontrei com você  
agora mesmo  
puxando mansamente  
agora mesmo  
um barco de papel  
agora mesmo  
no rio que inventei  
agora mesmo  
no meio da rua 7 de Setembro  
nesta minha longe de tudo cidade de Manaus.  
Interessante.

Você que diz que tem setenta anos,  
tinha um olhar assim de quem tem tempo  
tempo de sobra para esperar o tempo  
sem ter nunca sentido em tempo algum  
a marca velha desse mesmo tempo.  
E a rua inteira se emprenhou de ti...

Capiberibe

Capibaribe

Recife sem nenhuma geografia  
e que de olho conheci tão pouco!

– inteiro, sem faltar nenhum pedaço  
veio cair (é mágica das tuas)  
nessa coisa que o homem e a anatomia  
chamam de coração, e para nós  
nome nenhum pode ter; humano não:  
bate, se dana, pula desse jeito  
quando se esbarra nessa outra coisa  
que não sei quem falou que é poesia.  
(Isso que fazes tão divinamente  
ou como dizem aqui gostosamente  
PAIDEGUAMENTE, Irmão, PAIDEGUAMENTE).  
Poeta menino sempre,  
eu só queria poder,  
me largaria bem para mais alto  
numa estrela qualquer, no cocoruto  
da tua estrela da manhã, e lá,  
teceria uma rede, teus poemas,  
só pra poder ficar tranqüilamente,  
cumprindo essa missão que Deus só dá  
para os grandes eleitos como tu:  
ficar pescando, pescador, pescando,  
pescando a dor dos outros pelo mundo.

# Através do silêncio

Meu pai,  
hoje a noite me trouxe uma vontade  
imensa de falar contigo...

Talvez seja o despeito de assistir  
a tantos conversando com seus pais,  
talvez seja saudade, talvez apenas  
um desejo ditado pela noite.

Todavia,  
seja qual for o motivo, o certo é que  
desejo tanto conversar contigo;  
tanta coisa a te contar, meu pai...

Ah! Desde aquela terça-feira fria  
que te foste nos ombros daqueles homens de preto  
tanta coisa aconteceu!

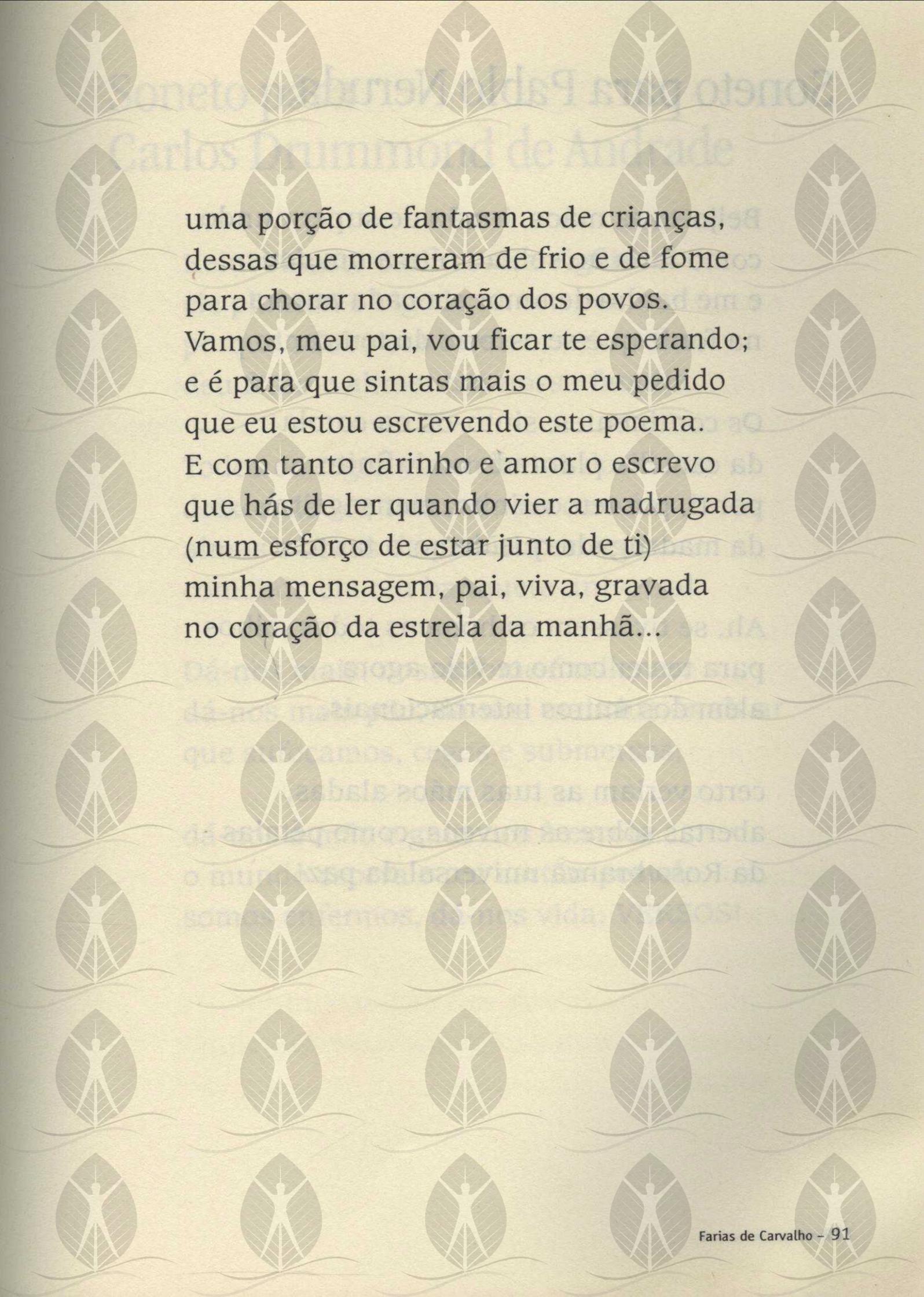
Não sei se alguma brisa de fim de tarde  
se alguma nuvem perdida

já te disse que sou poeta;  
talvez já tenhas sabido.

(Creio que de onde estás é mais fácil  
falar com a brisa e o silêncio);

o que penso que não sabes  
é como é duro ser poeta...

Imagina que isto ainda não deixou de ser para os homens, para o mundo sinônimo de boêmio e vagabundo. — Ah! que vontade de sair contigo, minhas mãos nas tuas mãos, te mostrando a todo mundo gritando para toda gente que tu soubeste que teu filho é poeta e não ficaste pensando que ele era louco ou inútil; que tu soubeste que teu filho é poeta e apesar de morto como estás o compreendeste mais que a gente viva que está bem mais morta do que tu. — Vamos, meu pai, vamos olhar as rosas; e já que ninguém mais cuida de rosas vamos juntos, meu pai, adubar os canteiros que não há mais perfume sobre a terra. Olha, os homens devem estar dormindo; vamos sair fazendo susto aos homens talvez, assim, o medo os recupere. Vamos fazer barulho, pai, traze contigo

The background of the page is a repeating pattern of stylized, light-colored leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised in a 'V' shape, standing on a small base. The leaves are arranged in a grid, with wavy lines separating the rows.

uma porção de fantasmas de crianças,  
dessas que morreram de frio e de fome  
para chorar no coração dos povos.  
Vamos, meu pai, vou ficar te esperando;  
e é para que sintas mais o meu pedido  
que eu estou escrevendo este poema.  
E com tanto carinho e amor o escrevo  
que hás de ler quando vier a madrugada  
(num esforço de estar junto de ti)  
minha mensagem, pai, viva, gravada  
no coração da estrela da manhã...

# Soneto para Pablo Neruda

Beijo-te as mãos, irmão de supermundo  
como faria ao sol, ao céu, a um deus;  
e me banho de amor em cada aurora  
na fonte que se escorre do teu canto.

Os continentes, sinto-os na corola  
da camélia plantada no infinito  
por ti, por teu carinho, mensageiro  
da madrugada que demora tanto.

Ah, se tivessem os homens todos, olhos  
para te ver como te vejo agora  
além dos muros internacionais,

certo veriam as tuas mãos aladas,  
abertas sobre as nuvens, como pétalas  
da Rosa branca universal da paz!

# Soneto para Carlos Drummond de Andrade

Reinventaste Carlitos. Na vigília  
ele plantou o bigode no teu poema;  
porque adubo era o verso, veio a flor,  
deu fruto e alimentou nossa família.

Todos os cegos viram luz. A dor  
deixou de ser, trancada na cartola;  
almas e bocas de penúria extrema  
comendo em teu banquete universal.

Dá-nos mais, nossa fome é milenar;  
dá-nos mais pão, dá-nos mais luz, mais ar  
que sufocamos, cegos e submersos;

dá-nos a mão e guia-nos à escola,  
o mundo espera o teu cartão-postal,  
somos enfermos, dá-nos vida: VERSOS!

# Soneto para Nicolás Guillén

Pois é, Guillén, o nosso bem-amado  
negro Simón Caraballo ainda vive  
engolindo essas velhas luas frias  
e as madrugadas, – mas nenhum café...

Também seus pés, Guillén, que vêm de longe  
como tu sabes, esses pés de negro  
não são mais negros; rubros são agora  
de sangue que lhe veio das feridas

e em ódio se coalhou dentro dos olhos.  
Pois bem, irmão sempre lembrado, agora  
é arrancar dos ombros de Simón

as patas do ginete. E depois  
da ROSA e do café estarem ganhos  
poderemos dormir. Teremos feito!

# Carta ao poeta Jorge Tufic

Vejo-te todos os dias. Todos os dias tenho  
a graça dos teus versos.

Assisto todos os dias como crente devotado  
ao ritual dos teus poemas.

Morrendo em cada poente, todos os dias me  
[invento  
no cristal das tuas fontes.

Agora sinto que devo, – antes que chegue o  
[ocaso  
criar um longe e falar-te.

Falar-te como não posso quando estou junto de ti  
(Temo sempre que teus versos despertem durante os  
ritos, e fiquem tristes contigo, ou não me  
[entendam,  
pensando que eu sou sacrílego).

Assim, durante o silêncio, – não o dos homens  
[calados  
que nunca estão plenamente; mas o dos versos  
[dormindo  
no coração dos poetas...

Senta na tua varanda, esquece o vulto e os  
[pássaros,

tira uma rosa do tempo, sente o perfume longe e  
[pensa  
as minhas palavras, que eu quero que cheguem a ti  
calmas como as manhãs, puras como os regatos e  
sinceras como os salmos:

– Vi-te crescer nas mãos a Rosa que tu plan-  
taste

nesses caminhos do eterno.

Vi os teus banhos nas fontes onde o cristal te

[moldou

e te fez manhã no tempo.

Vi-te mirando o lago onde te nasceu do sonho  
o marco da descoberta.

Vi-te atendendo ao chamado das estrelas  
tuas irmãs.

Vi-te à mesa do banquete

traçando rotas na taça.

Vejo-te desde que as auroras se inventaram  
e ambos nos encontramos antes de qualquer

[começo.

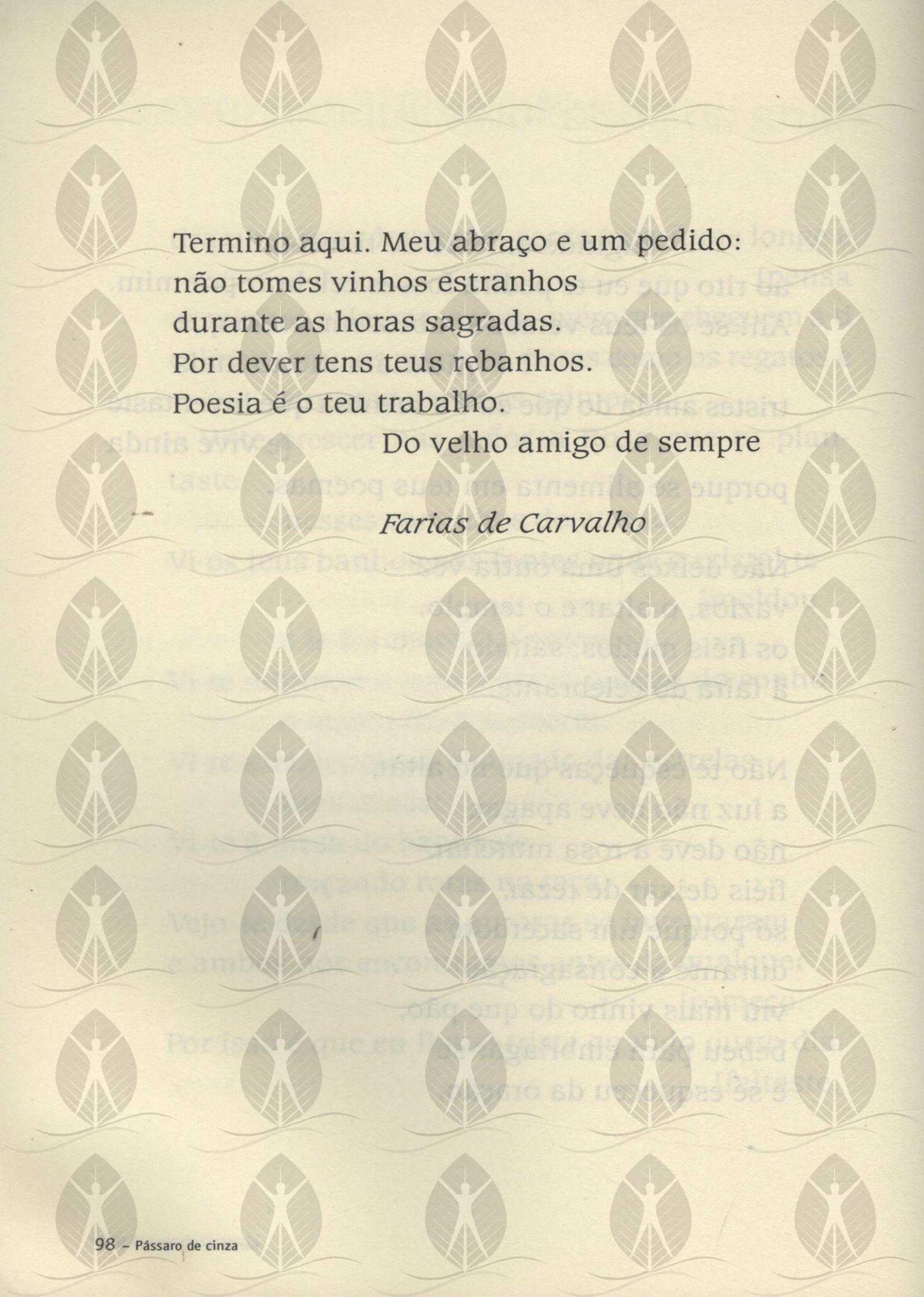
Por isso é que eu fiquei triste quando outro dia

[faltaste,

– fugindo em vão de ti mesmo –,  
ao rito que eu te pedira fosses celebrar por mim.  
Ah! se os teus versos soubessem, creio que  
[ficariam muito mais  
tristes ainda do que eu e a menina que inventaste  
[e vive ainda  
porque se alimenta em teus poemas.

Não deixes uma outra vez  
vazios, o altar e o templo,  
os fiéis mudos, saindo  
à falta do celebrante.

Não te esqueças que no altar,  
a luz não deve apagar,  
não deve a rosa murchar,  
fiéis deixar de rezar,  
só porque um sacerdote  
durante a consagração  
viu mais vinho do que pão,  
bebeu para embriagar-se  
e se esqueceu da oração.



Termino aqui. Meu abraço e um pedido:  
não tomes vinhos estranhos  
durante as horas sagradas.  
Por dever tens teus rebanhos.  
Poesia é o teu trabalho.

Do velho amigo de sempre

*Farias de Carvalho*

# Sonetos ao poeta Sebastião Norões

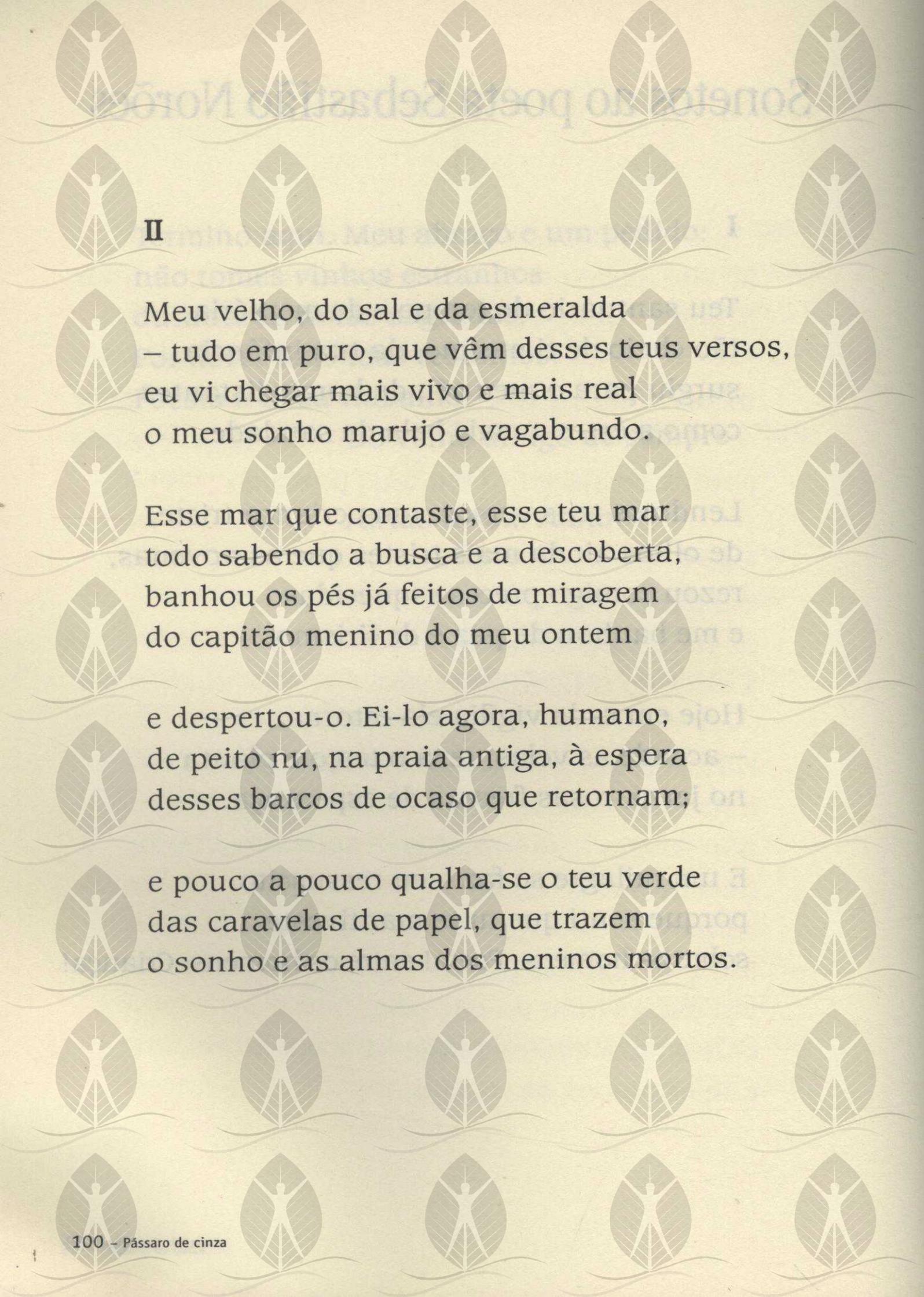
I

Teu santuário de tempo e de memória  
tão cheio de ti mesmo, da tua infância,  
surgiu para o meu céu de horas distantes  
como a estrela mais bela de saudade.

Lendo os teus versos, uma criança triste,  
de olhos ainda mais tristes que as novenas,  
rezou comigo preces esquecidas  
e me banhou de paz e de lirismo.

Hoje em cada vigília ela retorna:  
– acende as velas, reza o terço e planta  
no jarro, rosas frescas de esperança.

E um milagre se faz – eu ressuscito  
porque senti que tu te mantiveste  
sobre os homens: Poeta! entre os homens: Criança!



II

Meu velho, do sal e da esmeralda  
– tudo em puro, que vêm desses teus versos,  
eu vi chegar mais vivo e mais real  
o meu sonho marujo e vagabundo.

Esse mar que contaste, esse teu mar  
todo sabendo a busca e a descoberta,  
banhou os pés já feitos de miragem  
do capitão menino do meu ontem

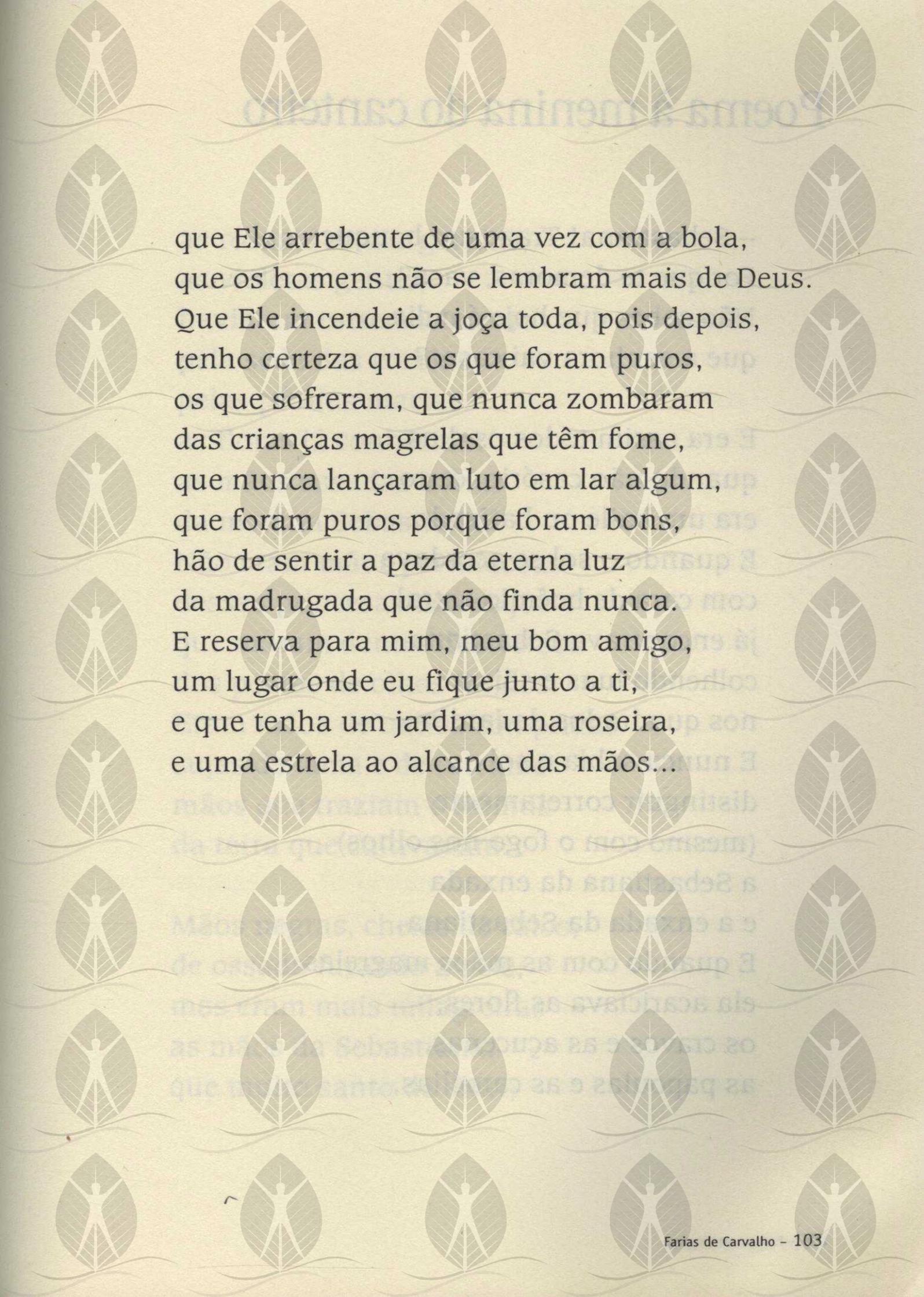
e despertou-o. Ei-lo agora, humano,  
de peito nu, na praia antiga, à espera  
desses barcos de ocaso que retornam;

e pouco a pouco qualha-se o teu verde  
das caravelas de papel, que trazem  
o sonho e as almas dos meninos mortos.

# Carta ao poeta Paulo Monteiro de Lima

Paulo,  
ontem quando um menino de olhos fundos  
abriu-me a mão ossuda e pequenina  
e disse: Moço eu tô cum fome...  
Senti que tu estavas ao meu lado.  
Senti porque chorei, e as minhas lágrimas  
vinham com o gosto quente do teu pranto.  
Vi os teus olhos nos olhos famintos  
do menino descalço e esfarrapado  
de mãozinhas abertas como lírios  
que estivessem morrendo, murchos, frios,  
sem adubo, sem sol, sem primavera.  
Vi, meu irmão, tua revolta muda  
atravessar os campos do infinito  
para morrer aos soluços, impotente  
nos gritos que ficaram em minha garganta.  
Paulo,  
como tu viste ontem, meu amigo,  
depois que tu partiste, este mundo canalha  
não melhorou em nada. As crianças  
andam ainda chorando nas esquinas,  
as mulheres parindo nos prostíbulos,

os mendigos expondo pelas ruas  
as vitrines ambulantes da miséria  
das chagas abertas, dos escarros  
rubros, da cor dos ódios calados.  
E uma porção de fraques e cartolas,  
de buchos barrigudos e burgueses  
toma conta de tudo. A dor é a mesma.  
O saque é o mesmo. As máscaras  
se inventam sempre mais cretinas.  
Luto, miséria, dor, lágrima, fome...  
Por isto, Paulo, resolvi te escrever  
esta mensagem simples, que, estou certo,  
lerás entre o convívio das estrelas,  
dos bons e dos eleitos. Meu amigo,  
tu estás mais perto de Deus, portanto,  
pede a Ele, tu que és poeta, pede,  
que se não for possível consertar  
este mundo de ódios e de crimes,  
de homens que exploram outros homens,  
que inventam guerras e carnificinas  
para negociar com a vida alheia,  
que Ele acabe com tudo,

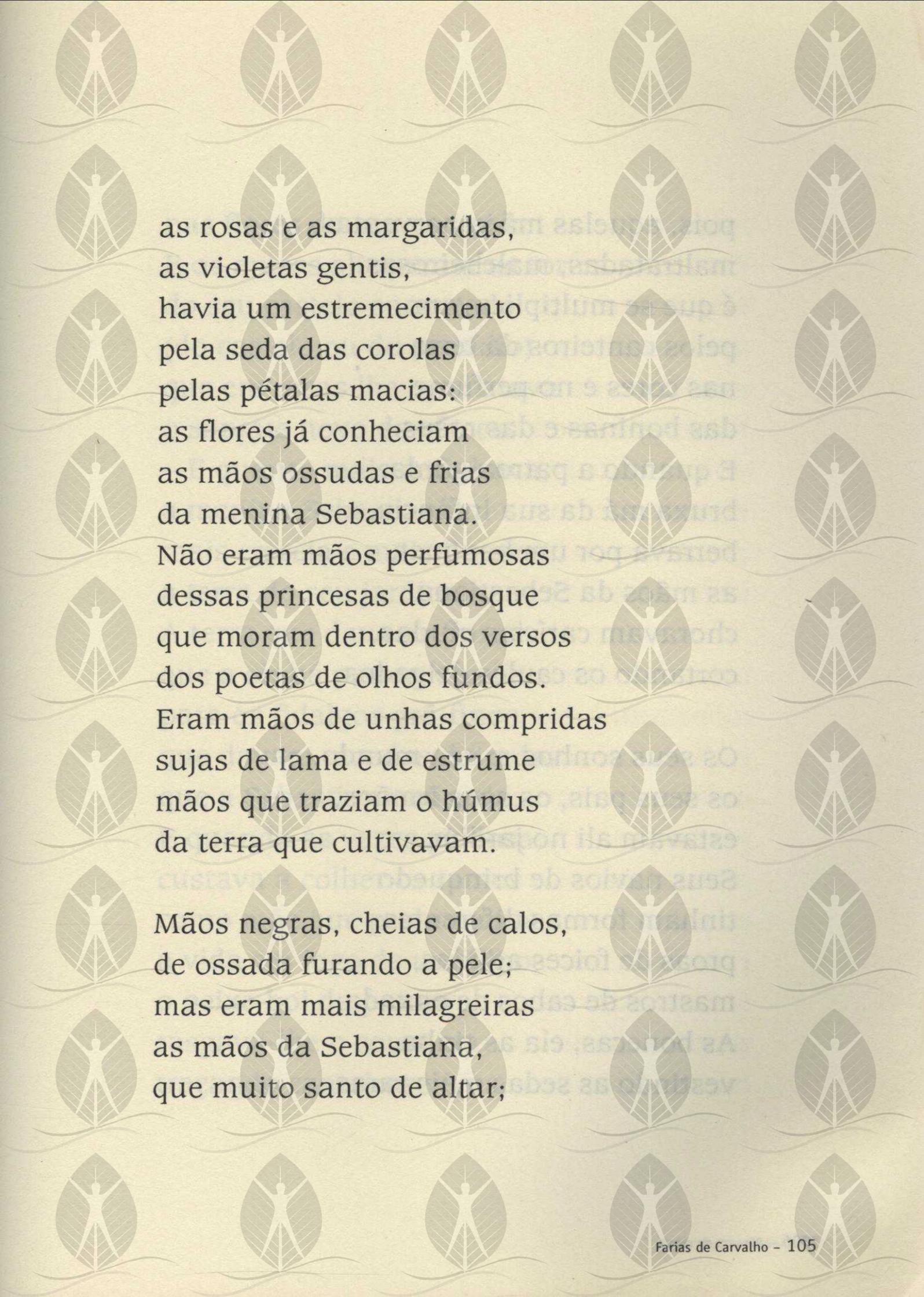


que Ele arrebente de uma vez com a bola,  
que os homens não se lembram mais de Deus.  
Que Ele incendeie a joça toda, pois depois,  
tenho certeza que os que foram puros,  
os que sofreram, que nunca zombaram  
das crianças magrelas que têm fome,  
que nunca lançaram luto em lar algum,  
que foram puros porque foram bons,  
hão de sentir a paz da eterna luz  
da madrugada que não finda nunca.  
E reserva para mim, meu bom amigo,  
um lugar onde eu fique junto a ti,  
e que tenha um jardim, uma roseira,  
e uma estrela ao alcance das mãos...

# Poema à menina do canteiro

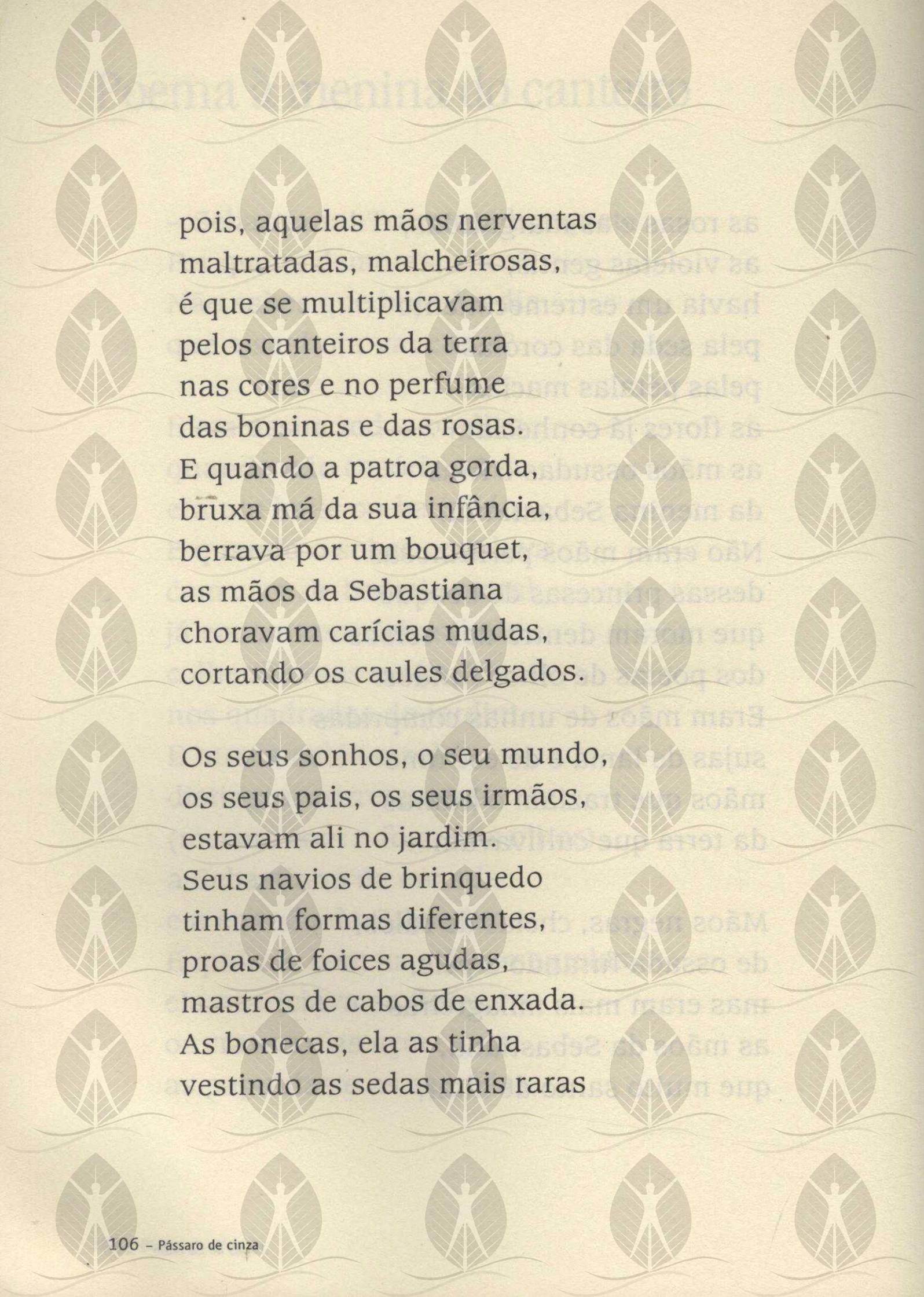
– Sebastiana! Traze um bouquet.  
Por que te demoras, vaca?  
Não sabes que hoje é o dia  
que a senhora vai casar?

E era assim todos os dias,  
quando não casório, certo  
era um baile ou batizado.  
E quando o sol se acordava  
com cara de boêmio astral  
já encontrava Sebastiana  
colhendo luas e sóis  
nos quadrados do jardim.  
E nunca sabia o sol  
distinguir corretamente  
(mesmo com o fogo nos olhos)  
a Sebastiana da enxada  
e a enxada da Sebastiana.  
E quando com as mãos magrelas  
ela acariciava as flores,  
os cravos e as açucenas,  
as papoulas e as camélias,



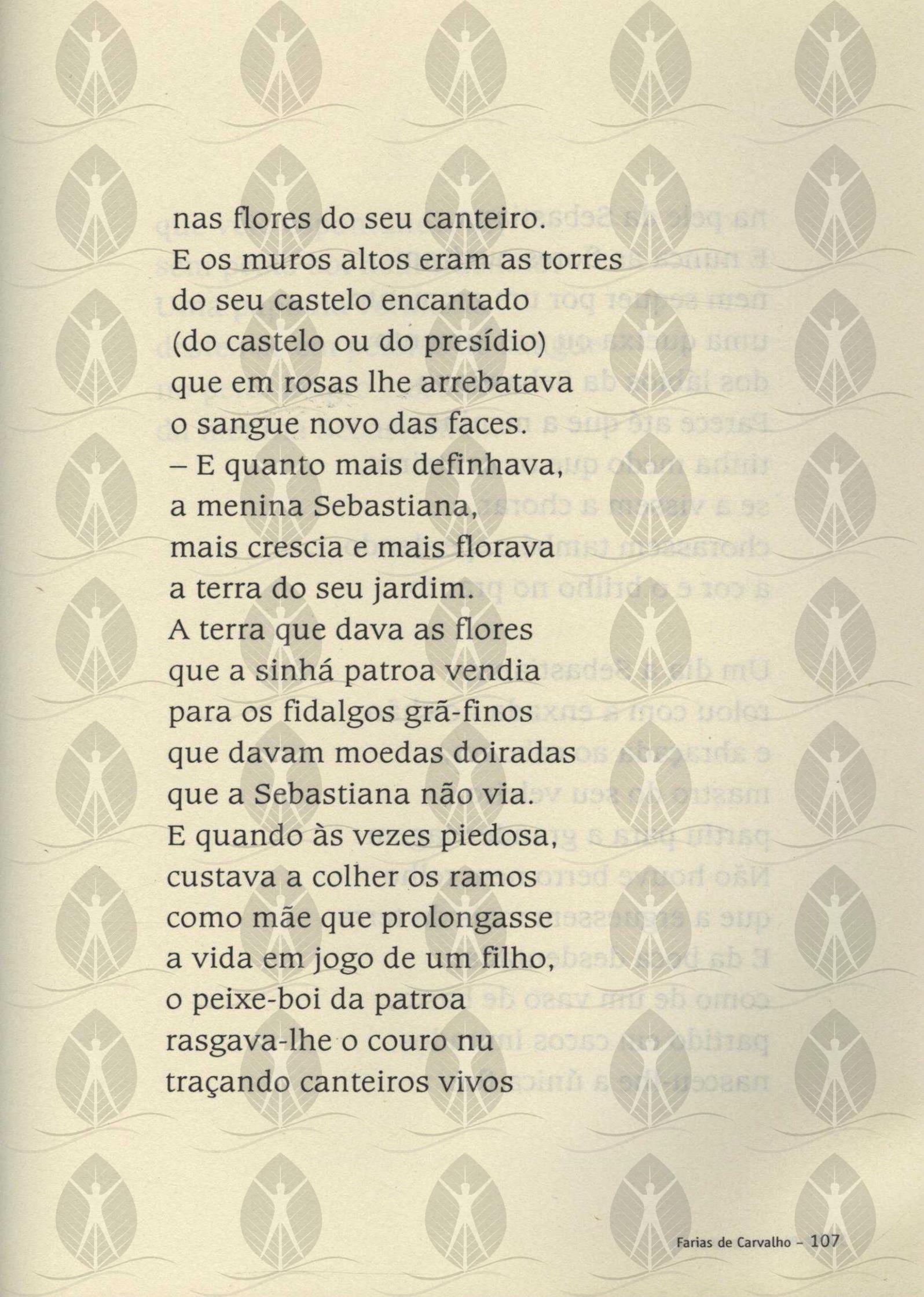
as rosas e as margaridas,  
as violetas gentis,  
havia um estremecimento  
pela seda das corolas  
pelas pétalas macias:  
as flores já conheciam  
as mãos ossudas e frias  
da menina Sebastiana.  
Não eram mãos perfumosas  
dessas princesas de bosque  
que moram dentro dos versos  
dos poetas de olhos fundos.  
Eram mãos de unhas compridas  
sujas de lama e de estrume  
mãos que traziam o húmus  
da terra que cultivavam.

Mãos negras, cheias de calos,  
de ossada furando a pele;  
mas eram mais milagreiras  
as mãos da Sebastiana,  
que muito santo de altar;

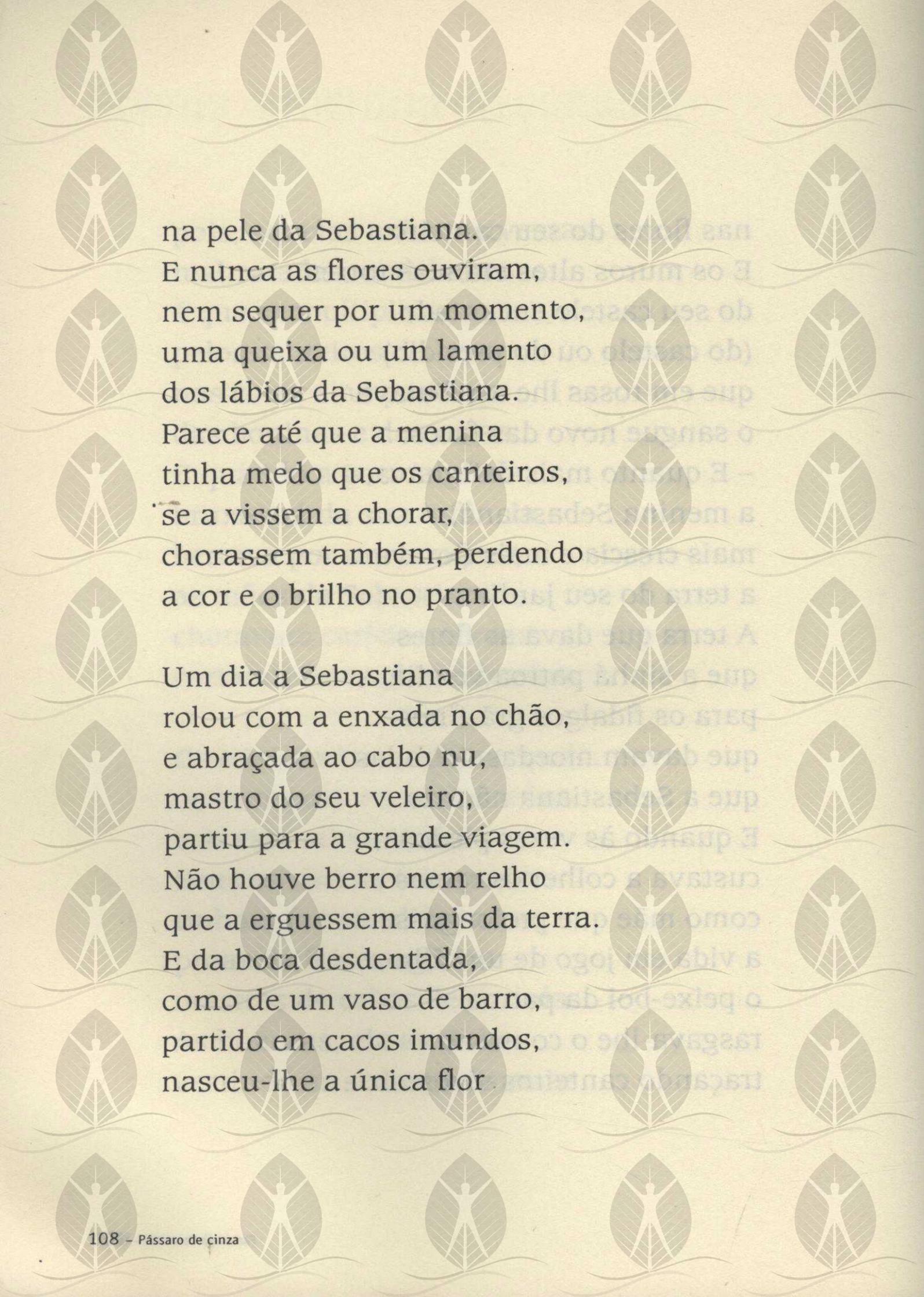


pois, aquelas mãos nerventas  
maltratadas, malcheirosas,  
é que se multiplicavam  
pelos canteiros da terra  
nas cores e no perfume  
das boninas e das rosas.  
E quando a patroa gorda,  
bruxa má da sua infância,  
berrava por um bouquet,  
as mãos da Sebastiana  
choravam carícias mudas,  
cortando os caules delgados.

Os seus sonhos, o seu mundo,  
os seus pais, os seus irmãos,  
estavam ali no jardim.  
Seus navios de brinquedo  
tinham formas diferentes,  
proas de foices agudas,  
mastros de cabos de enxada.  
As bonecas, ela as tinha  
vestindo as sedas mais raras

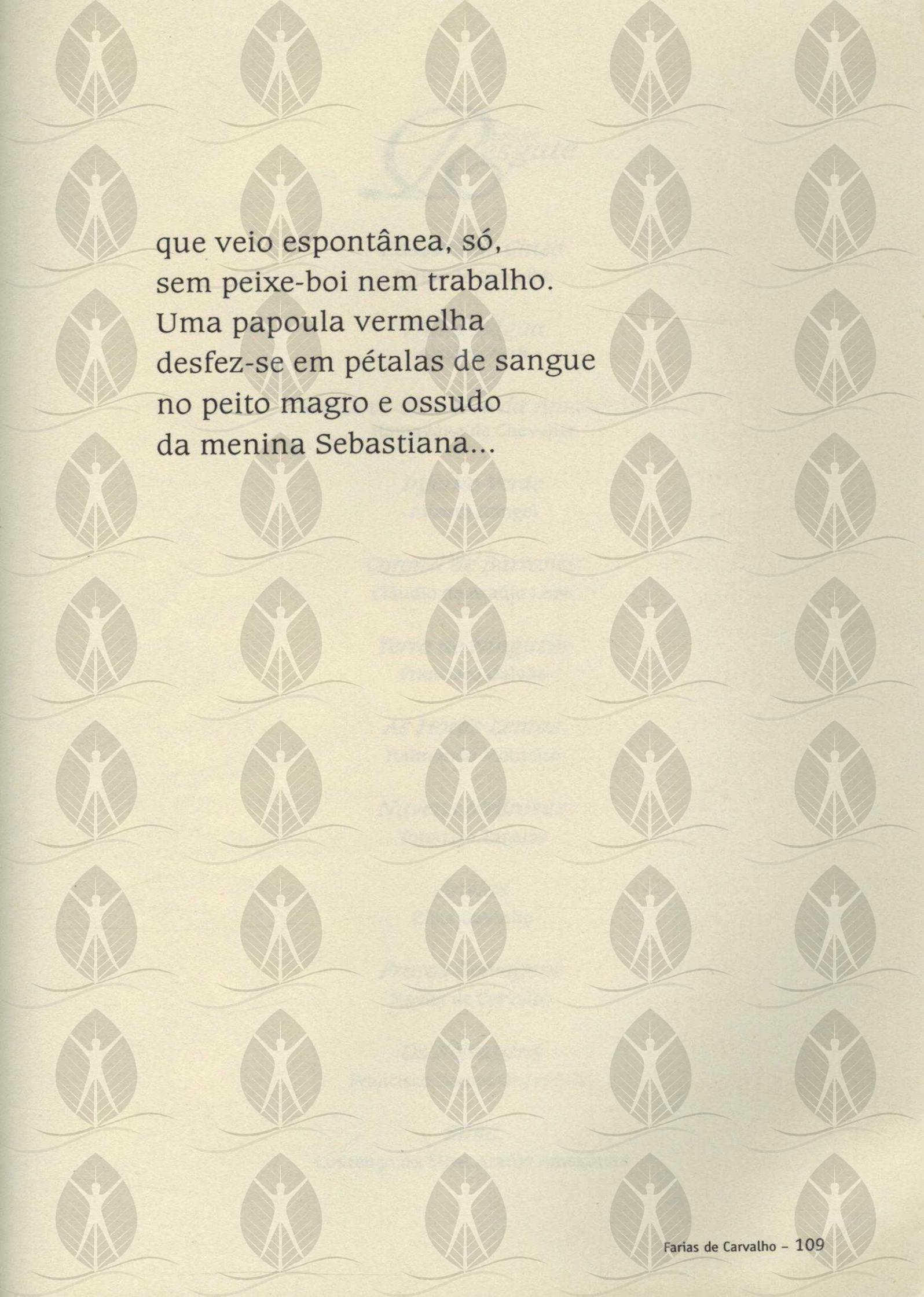


nas flores do seu canteiro.  
E os muros altos eram as torres  
do seu castelo encantado  
(do castelo ou do presídio)  
que em rosas lhe arrebatava  
o sangue novo das faces.  
– E quanto mais definhava,  
a menina Sebastiana,  
mais crescia e mais florava  
a terra do seu jardim.  
A terra que dava as flores  
que a sinhá patroa vendia  
para os fidalgos grã-finos  
que davam moedas doiradas  
que a Sebastiana não via.  
E quando às vezes piedosa,  
custava a colher os ramos  
como mãe que prolongasse  
a vida em jogo de um filho,  
o peixe-boi da patroa  
rasgava-lhe o couro nu  
traçando canteiros vivos



na pele da Sebastiana.  
E nunca as flores ouviram,  
nem sequer por um momento,  
uma queixa ou um lamento  
dos lábios da Sebastiana.  
Parece até que a menina  
tinha medo que os canteiros,  
se a vissem a chorar,  
chorassem também, perdendo  
a cor e o brilho no pranto.

Um dia a Sebastiana  
rolou com a enxada no chão,  
e abraçada ao cabo nu,  
mastro do seu veleiro,  
partiu para a grande viagem.  
Não houve berro nem relho  
que a erguessem mais da terra.  
E da boca desdentada,  
como de um vaso de barro,  
partido em cacos imundos,  
nasceu-lhe a única flor.



que veio espontânea, só,  
sem peixe-boi nem trabalho.  
Uma papoula vermelha  
desfez-se em pétalas de sangue  
no peito magro e ossudo  
da menina Sebastiana...



*Resgate*  
coleção

*Pássaro de Cinza*

Farias de Carvalho

*Trilha D'água*

Alcides Werk

*No Circo sem Teto da Amazônia*

Ramayana de Chevalier

*Inferno Verde*

Alberto Rangel

*Coronel de Barranco*

Cláudio de Araújo Lima

*Terra de Ninguém*

Francisco Galvão

*As Horas Lentas*

Raimundo Monteiro

*Nuvens Medrosas*

Torquato Tapajós

*Ânsias*

Elias Gavinho

*Frutos Selvagens*

Xavier de Carvalho

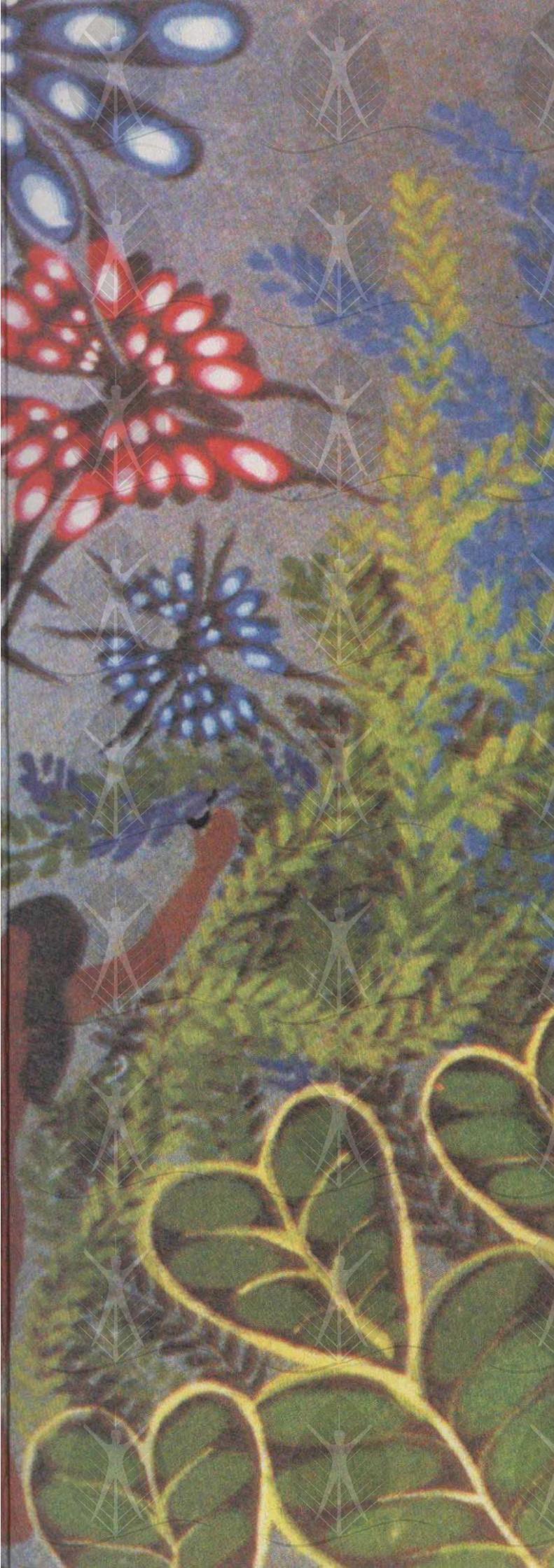
*Os Selvagens*

Francisco Gomes de Amorim

*Simá*

Lourenço da Silva Araújo Amazonas





*Pássaro de Cinza* é uma obra cheia de nuances, com uma forte conotação existencial, revelação do ser do poeta em seu devir, sua agonia diante da inevitabilidade da vida. Sua matéria é o tempo, as fraturas, os escombros de nossas existências estioladas, nossas reminiscências e lembranças, depositadas no leito silencioso do passado.

Farias de Carvalho é um pescador debruçado sobre a superfície silenciosa, desbotada do rio da memória. Seus poemas têm ressonâncias supranaturais, evidências da dimensão transcendente do ser humano. Mário Ypiranga Monteiro, estudioso da cultura e da literatura amazonense, na apresentação que fez para a primeira edição de *Pássaro de Cinza*, evidencia esse caráter imaterial, agônico da poesia de Farias de Carvalho: "Na sua poesia convém assinalar períodos de fuga, de transfigurações, que se traduzem em termos de compromissada mensagem, e um espírito eminentemente humanista".



**F**arias de Carvalho, como bom poeta que é, entende que a atitude do poeta em face da poesia é só uma: revelar um conjunto de situações e de valores em termos de expressão verbal, não importa sob que condições de forma, de conteúdo, de arquitetura poética. Esse é que é o poeta perfeito, não poluído pelo dogma, não desumanizado pelo preconceito temporal, não fossilizado pela casmurrice vegetativa.

*Mário Ypiranga Montefro*

ISBN 85-86512-58-3



9 788586 512582



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA